

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**AS REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES FEMININAS NA SÉRIE MULHERES  
ESPETACULARES DO PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Barbara Tatiane de Avila Santos**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2018**

**AS REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES FEMININAS NA SÉRIE MULHERES  
ESPETACULARES DO PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR**

**Barbara Tatiane de Avila Santos**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Comunicação.**

**Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2018**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**AS REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES FEMININAS NA SÉRIE MULHERES  
ESPETACULARES DO PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR**  
elaborada por

**Barbara Tatiane de Avila Santos**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestra em Comunicação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

---

**Aline Roes Dalmolin, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**

---

**Gustavo Roes Sanfelice, Dr<sup>o</sup>(Feevale)**

Santa Maria, Março de 2018.

## FICHA CATALOGRÁFICA

## AGRADECIMENTOS

Impossível não iniciar meus agradecimentos agradecendo a Deus, meu intercessor Santo Expedito. Aos meus pais, Nilce de Avila Santos e Gilberto Martins Santos que sempre me deram suporte, amor e incentivo para que este mestrado fosse realizado.

Agradeço aos meus irmãos, Matheus Ricardo de Avila Santos e João Heitor de Avila Santos e à minha amada cunhada Gabija Grigaityté, que estão sempre ao meu lado, mesmo que distantes fisicamente, mostrando-me o verdadeiro sentido da família, da união e do amor.

Sou grata ao meu professor e orientador, Flavi Ferreira Lisbôa Filho, pela oportunidade, confiança, paciência e atenção dada durante este processo, tornando possível a concretização deste objetivo de vida, que tenho desde pequena. Agradeço pelos conhecimentos transmitidos, bondade e por me ajudar desde o início da minha graduação, em todas as vezes que o solicitei. Por me dar a honra e oportunidade de ser sua aprendiz desde a iniciação científica e, principalmente, por acreditar no meu potencial.

Às professoras que participaram deste processo, Marcia Amaral, Rosane Rosa, Viviane Borelli e Liliane Brignol, por me enriquecerem com seus ensinamentos, colaborando para termino deste processo de formação.

À minha tia Nilva Beatriz Machado de Avila (*in memoriam*) que, assim como minha mãe, me apoiou até o momento que pôde, aconselhando-me e mostrando que com serenidade e dedicação conquistamos o que almejamos na vida.

Aos meus avós, Irondina Machado de Avila (*in memoriam*) e Heitor Laco de Avila (*in memoriam*), e ao tio Cezar Augusto Machado de Avila (*in memoriam*), que mesmo com a distância me ampararam e me mostraram o que é o amor fraterno.

Aos meus colegas de mestrado, que nos diversos momentos me trouxeram alegrias e foram meus companheiros, compartilhando as mesmas expectativas, aflições e ideias, e, principalmente, conhecimento e respeito durante estes quase dois anos. Aos meus colegas de trabalho e chefes do Colégio Coração de Maria.

Aos meus colegas de Grupo de Pesquisa em estudos Culturais e Audiovisualidades, em especial, ao Sergio Marques e Lucas Brum, agradeço pela acolhida e partilha de conhecimentos.

Aos meus queridos professores, técnicos e colegas bolsistas de Pró-Reitoria de Extensão, obrigada pelos melhores dias trabalhando como bolsista do projeto Viva o Campus.

Agradeço às minhas amigas, que distantes ou não me apoiavam, Daiane Antonini, Marilú Pozo, Thais Viero, Jamile Bassan, Fernanda Camargo, Bianca Fernandes, Ana Paula Brutti, Daiane Langendorf, Roberta Mezech, Lidiane Trodo, Nilza Farencena, Loise Cardoso, Socorro Pires, Kalliandra Conrad.

Aos melhores colegas de curso de extensão que poderia ter e às minhas amigas que me acolheram nestas estadias, Daiane e Marilú. As viagens até Florianópolis tornavam-se menos cansativas, ao chegar e ser tão bem recepcionada. Aprendizados, colegas e professores únicos que tive nesses três meses de curso sobre gênero, sexualidades e comunicação, na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

“Mostremos com nosso exemplo, aquilo  
que com palavras ensinamos”

(Bárbara Maix, 1872)

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **AS REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES FEMININAS NA SÉRIE MULHERES ESPETACULARES DO PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR**

AUTORA: BARBARA TATIANE DE AVILA SANTOS

ORIENTADOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO

**Local e Data da Defesa: Santa Maria, dia 14 de março de 2018**

Esta pesquisa propõe uma análise das representações das identidades femininas a partir da construção enunciativa da série televisiva “Mulheres Espetaculares”, exibida no programa Esporte Espetacular da TV Globo. O estudo tem como objetivo perceber quais as representações das identidades da mulher que a série apresenta e/ou privilegia e/ou exclui, por meio da identificação dos elementos culturais e dos modos como as identidades e culturas apresentadas são utilizadas e identificar os elementos que definem as estas “Mulheres Espetaculares”. O trabalho fundamenta-se em uma análise cultural midiática, com o aporte metodológico dos estudos culturais com base nas Estruturas de Sentimento e hegemonia de Williams (1979, 2003), combinado com a análise textual de Casetti e Chio (1999). Como resultado observa-se que as mulheres espetaculares são definidas por partilharem de elementos como: independente, determinada e humana. Também se constatou a riqueza de diversidades de representações das identidades femininas, com diferentes idades, etnias, classes sociais, raça, formas físicas, culturas e religiões. Contudo, nota-se o silenciamento de outras identidades femininas, principalmente, as relacionadas a papéis sociais, como mães, irmãs, avós, fisioterapeutas, professoras e treinadoras. Mesmo assim, a série é um tanto quanto audaciosa ao trazer forças contra-hegemônicas, pois colabora para garantir os ideais e interesses que lutam conta as diferenças de gênero na sociedade, por mais que ainda falte a problematização das identidades ali representadas.

**Palavras-chave:** Comunicação; Estudos Culturais; Identidade; Representação feminina; Mídia Esportiva.



## **ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **THE REPRESENTATIONS OF FEMININE IDENTITIES IN THE SERIES SPECTACULAR WOMEN OF THE SPECTACULAR SPORT PROGRAM.**

**AUTORA: BARBARA TATIANE DE AVILA SANTOS**

**ORIENTADOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO**

**Local e Data da Defesa: Santa Maria, dia 14 de março de 2018**

This study proposes to analyze images of feminine identity revelation of structures television series "Spectacular Women" in the program Spectacular Sports TV Globo. The study aims to understand which representations of the woman's identities that the series presents and/or privileges and/or excludes, through the identification of cultural elements and the ways in which the presented identities and cultures are used and identify the elements that define " Spectacular Women". The work is based on a cultural analysis of the media with the methodological contribution of cultural based on the Williams (1979, 2003) Sentiment Structures and hegemony, combined with the textual analysis of Casetti and Chio (1999). As a result of this impressive women are defined by sharing independence, determination and humanity. It was also verified the rich diversity of representations of feminine identities, with different ages, ethnicities, social classes, race, physical forms, cultures, and religions. However, there are other women's identities, particularly in relation to social roles, suppression, e.g., Mother, sisters, grandparents, physiotherapists, teachers, and trainers. Nevertheless, the series is somewhat audacious in bringing counter-hegemonic forces, o it collaborates to guarantee the ideals and interests that fight gender-based differences in society, although there is still a lack of problematization of the identities represented there.

**Keywords:** Communication; Cultural Studies; identities; female representation; sports media.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b>	Fotografia de Juliana Sana com Salvador Llobet.....	46
<b>Figura 02:</b>	Ilustração da metodologia desenvolvida.....	53
<b>Figura 03:</b>	Captura de tela com Juliana e Bethe Correia treinando.....	56
<b>Figura 04:</b>	Plano com figuras nos moldes femininos conservadores.....	57
<b>Figura 05:</b>	Plano com figuras nos moldes femininos conservadores.....	57
<b>Figura 06:</b>	Plano da abertura primeiro episódio.....	57
<b>Figura 07:</b>	Plano de abertura dos demais episódios da série.....	57
<b>Figura 08:</b>	Captura de tela da família de Maiara Basso.....	58
<b>Figura 09:</b>	Captura de tela da simulação de como um cedo “enxerga”.....	58
<b>Figura 10:</b>	Captura de tela do momento em que uniforme brasileiro de patinação é mostrado.....	59
<b>Figura 11:</b>	Captura de tela de Juliana Sana na casa de Maya Gabeira.....	59
<b>Figura 12:</b>	Captura de tela com Juliana Sana conversando com Bia.....	60
<b>Figura 13:</b>	Captura de tela mostrando os remédios de Susana.....	60
<b>Figura 14:</b>	Captura de tela de Susana nadando com chuva.....	60
<b>Figura 15:</b>	Captura de tela da luta de Juliana Sana.....	61
<b>Figura 16:</b>	Captura de tela da descontração após os treinos com Aline....	61
<b>Figura 17:</b>	Captura de tela de Edna com sua mãe.....	61
<b>Figura 18:</b>	Captura de tela de Juliana e Yane treinando corrida.....	62
<b>Figura 19:</b>	Captura de tela de Juliana e Ana Marcela treinando.....	63
<b>Figura 20:</b>	Captura de tela de Juliana e Jady no mercado.....	64
<b>Figura 21:</b>	Captura de tela de Juliana e Laís treinando corrida.....	64
<b>Figura 22:</b>	Captura de tela de Priscila e Juliana no mar treinando.....	65
<b>Figura 23:</b>	Captura de tela de Nanda e Juliana treinando.....	65
<b>Figura 24:</b>	Captura de tela de Isis e Juliana treinando no mar.....	66
<b>Figura 25:</b>	Captura de tela de Paolla e Juliana conversando.....	66
<b>Figura 26:</b>	Captura de tela de Fernanda treinando e Juliana filmando.....	67
<b>Figura 27:</b>	Captura de tela de Sheron e Juliana na praia.....	67
<b>Figura 28:</b>	Captura de tela com imagem de Bethe Correia.....	69
<b>Figura 29:</b>	Captura de tela com imagem de Bethe Correia.....	69

<b>Figura 30:</b>	Captura de tela com Juliana Sana e Maiara Basso conversando.....	70
<b>Figura 31:</b>	Captura de tela com imagem de Maiara Basso.....	70
<b>Figura 32:</b>	Captura de tela Juliana Sana e Terezinha conversando.....	71
<b>Figura 33:</b>	Captura de tela com imagem de Terezinha Guilhermina.....	71
<b>Figura 34:</b>	Captura de tela com Isadora Williams no início do episódio ....	71
<b>Figura 35:</b>	Captura de tela com Juliana e Isadora conversando.....	71
<b>Figura 36:</b>	Captura de tela com Juliana surfando.....	72
<b>Figura 37:</b>	Captura de tela do episódio com Maya Gabeira surfando.....	72
<b>Figura 38:</b>	Captura de tela com Maya e Carlos Burle conversando.....	73
<b>Figura 39:</b>	Captura de tela com Bia Figueiredo esperando para competir...	73
<b>Figura 40:</b>	Captura de tela com Juliana e Bia conversando.....	73
<b>Figura 41:</b>	Captura de tela com Susana e Juliana conversando.....	74
<b>Figura 42:</b>	Captura de tela do episódio com close em Aline Silva.....	75
<b>Figura 43:</b>	Captura de tela com Edna caindo no chão no treino.....	76
<b>Figura 44:</b>	Captura de tela com Juliana e Yane nadando.....	77
<b>Figura 45:</b>	Captura de tela com Juliana, Ana Marcela e sua mãe tomando café.....	77
<b>Figura 46:</b>	Captura de tela com Jady e Juliana conversando.....	78
<b>Figura 47:</b>	Captura de tela com Juliana e Laís conversando.....	79
<b>Figura 48:</b>	Captura de tela com Juliana e Priscila competindo.....	80
<b>Figura 49:</b>	Captura de tela com Juliana, Nanda, mãe e vó da atriz olhando para câmera.....	81
<b>Figura 50:</b>	Captura de tela com Juliana e Isis saindo do mar.....	81
<b>Figura 51:</b>	Captura de tela com Juliana e Paolla conversando.....	82
<b>Figura 52:</b>	Captura de tela com Juliana e Fernanda praticando Yoga.....	82
<b>Figura 53:</b>	Captura de tela com Juliana e Sheron conversando.....	83

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1:** Informações temporada 1 da série Mulheres Espetaculares.

**Tabela 2:** Informações temporada 2 da série Mulheres Espetaculares.

**Tabela 3:** Informações temporada 3 da série Mulheres Espetaculares.

**Tabela 4:** Informações temporada 4 da série Mulheres Espetaculares.

## LISTA DE SIGLAS

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CCS - *Center for Contemporary Cultural Studies*

EC – Estudos Culturais

EE – Esporte Espetacular

*FIFA - Fédération Internationale de Football Association*

ME – Mulheres Espetaculares

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I - ESTUDOS CULTURAIS: IDENTIDADES, DIFERENÇA E GÊNERO</b>	<b>12</b>
1.1 Os Estudos Culturais e o conceito de representações	12
1.2 Identidades, cultura e diferença	18
1.3 Estudos Culturais, gênero e hegemonia	24
<b>CAPÍTULO II – IDENTIDADES E MÍDIA ESPORTIVA</b>	<b>32</b>
2.1 O esporte na mídia hegemônica	32
2.2 Identidades femininas e mídia esportiva brasileira	38
<b>CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>44</b>
3.1 <i>Corpus</i> da pesquisa	44
3.2 Análise Textual, Estruturas de Sentimento e Hegemonia	48
3.3 Análise Cultural-midiática: percurso metodológico desenvolvido	52
<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE CULTURAL MIDIÁTICA</b>	<b>54</b>
4.1 Análise Descritiva	54
4.2 Sentidos sobre o feminino na série Mulheres Espetaculares do programa Esporte Espetacular	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>93</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente dissertação de mestrado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, busca analisar as representações das identidades femininas na série Mulheres Espetaculares do programa Esporte Espetacular. Esta série é exibida na TV Globo, dentro da grade de programação do programa televisivo Esporte Espetacular (EE), que é transmitido nas manhãs de domingo. Este programa tem por objetivo atualizar os telespectadores, quanto aos acontecimentos que permeiam o campo esportivo brasileiro e mundial.

A diversidade de identidades culturais que são representadas no Esporte Espetacular, trazem questionamentos quanto aos modos de como são representadas as identidades femininas, em especial, na série Mulheres Espetaculares. Neste estudo, busca-se compreender de que forma são construídas as identidades das mulheres contempladas na série. E para se chegar a respostas, indaga-se a seguinte questão central: Como se constroem as representações das identidades femininas na série Mulheres Espetaculares do programa Esporte Espetacular?

O estudo ancora-se na relevância de estudar as produções audiovisuais brasileiras, que estão sendo reconhecidas cada vez mais pela sua qualidade. Esta pesquisa, possibilita maior conhecimento de como ocorre as representações das identidades femininas, em um produto com foco no esporte e que apresenta um modo de produção distinto do tradicional, que pretende uma maior aproximação com seu público, por meio do seu formato dinâmico. A série, dentro de um contorno mercadológico, busca atualizar-se e aproximar-se do telespectador a partir de elementos culturais. Diante disso, impulsionou-se a proposta de estudo, que busca problematizar como se estruturam os sentidos presentes na série referente às mulheres.

Outro motivo pelo qual este trabalho se faz relevante é por trazer indagações a respeito dos usos e construções das representações identitárias das mulheres, dos quais a mídia se apropria. Desta forma, na realização do estado da arte desta pesquisa, foram definidos eixos de palavras-chaves, como um método estratégico para se chegar a melhores resultados. As palavras-chaves foram escolhidas em pares, via de regra, mas durante as pesquisas apenas uma palavra de cada par foi escolhida por vez. Os eixos

determinados foram: Comunicação/mídia; Estudos Culturais/Identidade; Mulher/Feminino(a) e Esporte/Programa Esportivo.

Foram encontrados cerca de 1028 trabalhos nas seguintes plataformas: Banco de Teses e dissertações da CAPES, que se utiliza da plataforma Sucupira, *SCIELO - Scientific Electronic Library Online* e portal de periódicos da CAPES. Não se pode dizer exatamente o total de pesquisas encontradas, pois muitos estudos se repetem mesmo mudando de eixo na procura.

Por mais que se tenham diversas pesquisas sobre a identidade da mulher na mídia e no esporte em programas esportivos, com base nos Estudos Culturais, não há nenhuma pesquisa específica sobre esta série. Desta forma, utiliza-se como leitura auxiliar duas dissertações, que possuem foco na análise de identidades culturais, com o aporte dos Estudos Culturais, são elas: “Mulheres gaúchas nos programas regionais Bah!: identidade e representação feminina”, de Mariana Nogueira Henriques e a dissertação da Lauren Santos Steffen, “Relações e Tensões em Campo: tipificações e cultura vivida na série especial do Jornal Nacional com os jogadores da seleção brasileira”. A segunda, por mais que não trabalhe com gênero, ela tem aporte nos Estudos Culturais e utiliza-se de um objeto de cunho esportivo em sua análise.

Estes dois trabalhos selecionados estão vinculados ao Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades, ao qual participo e que tem como pesquisador-líder o professor Flavi Ferreira Lisboa Filho, também orientador deste estudo. Este Grupo de Pesquisa, tem como pressuposto o entendimento da cultura como uma esfera que integra os âmbitos da produção e das relações sejam sociais ou pessoais. Suas pesquisas são fundamentadas por questões de gênero e sexualidade, étnicas, identidades culturais, raciais, globalização e contemporaneidade, articuladas à mídia por meio das concepções teóricas-metodológicas e interdisciplinares dos Estudos Culturais.

Ainda as teses “Os enquadramentos dos jornais Zero Hora e Folha de São Paulo na cobertura de Daiane dos Santos nos Jogos Olímpicos de Atenas/2004: a midiáticação do resultado esportivo”, de Gustavo Sanfelice e “O imaginário esportivo: o atleta contemporâneo e o mito do herói”, de Katia Rubio, colaboraram fundamentalmente para melhor entendimento de questões relacionados ao esporte e também em relação às identidades femininas esportivas na mídia.



A proposta de pesquisa apresenta motivações pessoais também, originárias por ser mulher e sofrer cotidianamente com as consequências de uma cultura ainda muito machista e conservadora. Após assistir dois anos da série, este estudo torna-se necessário para entendermos a construção dos textos midiáticos, especialmente pela televisão, juntamente com os modos e os elementos que este utiliza para produzir sentidos, e aqui principalmente em relação ao feminino.

A pesquisa não só possui relevância pessoal, como também para os estudos em comunicação, pois busca responder questionamentos que somam às problemáticas e estudos sobre as construções identitárias das mulheres produzidas e/ou apropriadas pelos meios de comunicação. E, há também uma grande importância e destaque para a mídia televisiva e suas adaptações na busca pela legitimação do seu discurso, que incluem as tecnologias, interatividade e a espontaneidade nos seus modos de fazer.

Este estudo tem por objetivo geral analisar as representações das identidades das mulheres a partir dos sentidos produzidos com base na série Mulheres Espetaculares do programa Esporte Espetacular. E tem como objetivos específicos: identificar, embasados no contexto sociocultural, quais são as identidades femininas apresentadas e silenciadas na série Mulheres Espetaculares; investigar as relações de identidade e diferença destas identidades femininas identificar os elementos que definem as Mulheres Espetaculares.

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos que colaboram no alcance dos objetivos da análise. No primeiro capítulo, há inicialmente em “Os Estudos Culturais e o conceito de representações”, um panorama da história dos Estudos Culturais (EC) e suas concepções quanto a representações, com base em importantes e reconhecidos pesquisadores como Escosteguy (2010), Williams (1958) e Hall (2006). Posteriormente, em “Identidades, cultura e diferença”, parte-se para o entendimento culturalista em relação a estes termos, seguindo Cuchê (1999), Jacks (2003) e Silva (2009). Ainda no primeiro capítulo, em “Estudos Culturais, gênero e hegemonia”, as concepções de gênero e hegemonia em torno dos EC, tem fundamentação teórica partindo de Williams (1979), Piscitelli (2009), Scott (1995) e Escosteguy (1998).

O segundo capítulo tem como propósito compreender os aspectos da produção televisiva, sua hegemonia e identificar os elementos relacionados às identidades femininas na mídia esportiva. Para dar conta deste capítulo, em “O esporte na mídia hegemônica”, concebe-se as perspectivas de Guterman (2014), Melo (2009) e DaMatta (1982). Já no

último subcapítulo, “Identidades femininas e mídia esportiva”, utilizou-se de Goellner (2006), Devide (2017) e Escosteguy (2010), para entender melhor das identidades femininas dentro da mídia esportiva. As informações essenciais sobre a mídia televisiva, foram coletadas nos sites oficiais da emissora e do programa da série, assim como em Williams (2007).

No terceiro capítulo apresenta-se o *corpus* do trabalho em “*Corpus da pesquisa*”, as informações foram retiradas, essencialmente, dos sites e aplicativos oficiais da TV Globo. A metodologia realizada com base nos Estudos Culturais, encontra-se no subcapítulo “Análise Textual, Estruturas de Sentimento e Hegemonia”, que inicia com as perspectivas da análise textual de Casetti e Chio (1999), associada à cultura registrada (WILLIAMS, 2003), junto às Estruturas de Sentimento de Williams (1979), que serviu como operador analítico da cultura vivida (WILLIAMS, 2003). Logo após, em “Análise cultural-midiática: percurso metodológico desenvolvido”, está a demonstração do percurso metodológico e o estabelecimento de um método próprio desenvolvido, para dar conta dos objetivos deste trabalho.

No último capítulo, estão os resultados da Análise Cultural-Midiática, com a aplicação das etapas metodológicas que foram necessárias para se chegar a respostas dos objetivos. A análise está organizada em “Análise Descritiva” que tem fundamentação em Williams (1979). Posteriormente, parte-se para “Sentidos sobre o feminino na série Mulheres Espetaculares do programa Esporte Espetacular”, em que são definidos os resultados efetivos da pesquisa. Por fim, as considerações finais.

## CAPÍTULO I - ESTUDOS CULTURAIS: IDENTIDADES, DIFERENÇA E GÊNERO

No primeiro capítulo, há inicialmente um panorama da história dos Estudos Culturais (EC), com os entendimentos culturalistas em relação às representações, fundamentadas em Escosteguy (2010) e Hall (2006). Posteriormente, parte-se para a compreensão das concepções teóricas dos EC em torno das identidades e diferença baseadas em Cuchê (1999), Hall (2016) e Silva (2009). Ainda neste primeiro capítulo, há compreensão acerca de gênero e hegemonia com fundamentos de Williams (1979), Scott (1995) e Escosteguy (1998).

### 1.1 Os Estudos Culturais e o conceito de representações

Os Estudos Culturais (EC), teve seu início na década de 1950, na Inglaterra, amparado fortemente pelo marxismo. Richard Hoggart (1957), Raymond Williams (1958) e E.P. Thompson (1963) e suas respectivas obras, foram precursoras para a estruturação da corrente que hoje conhecemos como Estudos Culturais. Durante o século XX, no *Centre for Contemporary Cultural Studies* – CCCS, foram desenvolvidas as primeiras pesquisas sobre os Estudos Culturais. As principais obras que impulsionaram as investigações sobre o campo foram: *The uses of literacy*, publicada em 1957 por Richard Hoggart; *Culture and society* de Raymond Williams publicada em 1958; *The making of the english working class* publicada por E.P. Thompson em 1963.

Em *The uses of literacy*, Hoggart (1957) analisou as leituras das classes operárias, a partir dos elementos externos (como a mídia) e também da observação dos efeitos das publicações populares. Ele percebeu que a classe operária tinha certa resistência a modificações, pois conservavam certas tradições. Desta forma, o autor partia da hipótese de que somente aconteciam modificações na classe operária quando eram convenientes à ela. Este posicionamento, mais tarde, acaba incentivando as pesquisas sobre os *mass media* e estudos etnográficos.

Stuart Hall substituiu Hoggart na direção do CCCS e acabou tendo um papel fundamental nos EC. Ele desempenhou “uma função de “aglutinador” em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um “catalizador” de inúmeros projetos coletivos” (ESCOSTEGUY 2010, p. 29).

Williams (1958), em *Culture and Society*, ampliou o conceito de cultura, estendendo o significado de cultivo para todo modo de vida. Ele também relacionou cultura com a mídia, afirmando que comunicação não é apenas transmissão, mas também recepção e resposta, assim, a mídia transmite informações que podem interferir nas práticas culturais de forma determinante.

Em *The making of the English Working*, Thompson (1963) considerou como cultura todas as práticas sociais que estabelecia certa identidade a um conjunto de pessoas. Para ele, a classe operária (popular), assim como a clássica, também produz cultura.

Nesta perspectiva culturalista, há o desenvolvimento de uma área de estudo novo e interdisciplinar, que é resultado de descontentamentos com questões que não eram contempladas por outros campos teóricos. Neste sentido, os Estudos Culturais propõem uma definição de cultura que rompe com as limitações estabelecidas por outras teorias. A percepção do EC, reconhece na cultura uma área rica na interdisciplinaridade, seu objeto de investigação centra-se em entender a cultura dentro de processos e contextos complexos e originários de múltiplas variáveis. Inicialmente, a preocupação teórica que existia se referia à comunicação de massa e com os produtos da cultura popular, assim, demonstrando caminhos da cultura atual. A concentração estava no campo histórico e nas condições sociais baseados no poder para entender as ações dos *mass media*. (ESCOSTEGUY, 2010).

As transformações também ocorreram no sentido de entendimento da cultura, que era de uma tradição mais elitista para atividades cotidianas. É neste caminho, de ampliar as interpretações sobre a cultura, que os teóricos culturalistas concentraram-se seus esforços para desenvolver aportes teóricos-metodológicos que contemplassem a necessidade de análise que emerge destas conexões complexas.

Escosteguy (2010), ainda relata a versão australiana dos EC, para reforçar que o surgimento desta teoria como resposta a questões sociopolíticas da época. E também define como outro motivo do surgimento, a necessidade de um campo interdisciplinar, que transpassasse diversas disciplinas.

A multiplicidade de objetos de investigação também caracteriza os estudos culturais. Resulta da convicção de que é impossível abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social. A ausência de uma síntese completa sobre os períodos, enfrentamentos políticos e deslocamentos teóricos contínuos de método e objeto faz com que, de forma geral e abrangente, o terreno de sua investigação circunscreva-se aos temas vinculados às culturas populares e

aos meios de comunicação de massa e, posteriormente, a temáticas relacionadas com as identidades, sejam elas sexuais, de classe, étnicas, geracionais etc. Mas é necessário esperar até os anos 70, principalmente, com a implantação da publicação periódica dos *Working Papers*, para que a produção científica do Centro passe a ter visibilidade e repercussão. (ESCOSTEGUY, 2010, p.35)

Os Estudos Culturais segundo Hall (2006), passaram por três fases, a primeira se refere aos estudos por meio dos três primeiros textos já relatados, a segunda com o desenvolvimento do Centro de *Birmingham*, que vai até meados dos anos 80, e por fim, a terceira fase que abrange até os dias de hoje.

Inicialmente os Estudos Culturais, em *Birmingham*, questionavam as determinações de hierarquias entre as distintas culturas, na qual eram organizadas em cultura superior e inferior, boa e ruim, alta e baixa. Assim, o conceito acerca da cultura se modifica de uma visão a partir de produção material, para a produção de sentido, por meio das relações sociais, do cotidiano, dos modos de vida. (ESCOSTEGUY, 2010).

Nos anos 70, estava a fundamentação em relação às subculturas, que inicialmente transpareciam resistência a alguns elementos dominantes. Os meios de comunicação de massa ganham importância no final desta década. Os anos 1980

[...] denominado por Hall (1982) de “redescoberta da ideologia”, sendo que uma das premissas básicas desta fase pressupunha que os efeitos dos meios de comunicação podiam ser deduzidos da análise textual das mensagens emitidas pelos próprios meios. Ainda nessa década, a temática da recepção e a densidade dos consumos mediáticos começam a chamar a atenção dos pesquisadores de Birmingham, ou melhor, do CCCS. Este tipo de reflexão acentua-se a partir da divulgação do texto “*Encoding and decoding in the television discourse*”, 14 de Stuart Hall, publicado pela primeira vez em 1973. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 36)

Os Estudos Culturais começam a se disseminar pelo mundo a partir dos anos de 1980, pois é nesta década que o CCCS ganha ênfase como centro de propagação dos EC. Com esta expansão dos EC para outros territórios, ocorre modificações em relação às identidades sociais que se dá na pós-globalização, transformando o foco na cultura para identidade (não deixando a cultura de lado). Escosteguy (2010) afirma:

Vale lembrar, no entanto, que a incorporação do modelo de Hall, num primeiro momento, desembocou em estudos do âmbito do ideológico e do formato da mensagem, sobretudo, da televisiva. Ainda o poder do texto sobre o leitor/espectador domina esta etapa de análise dos meios, embora desafie a noção de textos mediáticos enquanto portadores “transparentes” de significados, rompendo, também, com a concepção passiva de audiência. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 43)

Já na década de 1990, o foco dos estudos das audiências recai para a experiência vivida, o que interessa para eles, são os desenrolares dos grupos sociais em relação às suas identidades e os usos que estes grupos fazem das novas tecnologias por meio das relações de poder. “Enfim, estes estudos dos anos 90 revelam alguns dos objetivos que, com diferentes ênfases, continuarão sendo perseguidos pela linha de investigação de audiências” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 45)

Ao apresentar a Versão Latino-Americana dos EC, Escosteguy (2010) afirma que somente na década de 1990, os estudiosos dos EC latino-americanos começam a assumir que são praticantes dos EC. Ela compara aos EC britânicos relatando que o que eles vivenciaram em 1950 somente é vivenciado em 1970 na América Latina.

No início da década de 1980, as pesquisas em comunicação começam a se modificar abrangendo os estudos para as ciências sociais, deixando de lado o marxismo para pensar a globalização.

Embora a vertente latino-americana tenha emergido e se localizado preferencialmente no âmbito acadêmico, surge entrelaçada com um momento conjuntural de redemocratização da sociedade e de observação intensa da ação dos movimentos sociais da época. De modo especial, interessa destacar a passagem de um marxismo determinista para um marxismo de corte gramsciano. No primeiro, era imperativo explicar e analisar os conflitos através de uma única contradição: a diferença de classe. Isso impedia de pensar a pluralidade de matrizes culturais, a diversidade cultural. A flexibilização dessa lógica permitiu o redesenho das relações entre cultura e classe social. O redefinido é tanto o sentido de cultura quanto o de política, permitindo (re)descobrir as culturas populares e a constituição de identidades. Isso em grande medida se deve à incorporação de parte do pensamento gramsciano. (ESCOSTEGUY, 2010, p 50)

A globalização na América Latina traz uma nova conjuntura sociopolítica, econômica e cultural, em que procura responder questionamentos em relação à experiência do popular, ligada à comunicação como expressão de cultura. (ESCOSTEGUY, 2010). Dentro deste aspecto, a comunicação midiática é portadora e formadora de representações e, como tal, interfere diretamente na conduta dos indivíduos, conforme a dinâmica das interações realizadas entre sujeito e objeto, articuladas no âmbito do meio comunicacional.

O conhecimento das representações veiculadas pela mídia tem uma fundamental importância, tendo em vista que nos possibilita ter acesso a um conjunto de sentidos e significados que servem de referência para os indivíduos e grupos, no seu processo de apreensão da realidade e nas suas práticas sociais. Partindo destes pressupostos, se dá

importância da análise das representações veiculadas nos discursos midiáticos para a formação da identidade da mulher na televisão.

A televisão e sua programação, de certa maneira, servem para a construção/manutenção de uma identidade via representações. Deste modo, é necessário realizar um esforço para entender as concepções que giram entorno do conceito de representações, mesmo que alguns autores utilizem o termo no singular, concebemos no plural, pelo fato deste estudo considerar que existe uma pluralidade de identidades e representações para as mulheres e não uma única. Para Freire Filho (2005, p.1):

O VERBO REPRESENTAR POSSUÍA, originariamente, um significado restrito: “apresentar de novo”. Com o tempo, o termo passou a ser usado, em latim, como sinônimo de “substituir”, “fazer as vezes de”, no sentido de que a pintura de um rei “estaria no lugar” do soberano retratado. Na concepção moderna e liberal do processo democrático, a idéia de representação está associada à delegação de poderes, por meio de votos, a um conjunto proporcionalmente reduzido de indivíduos, na expectativa de que os eleitos articulem e defendam pontos de vista e interesses dos eleitores. De forma análoga, o termo designa, também, o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para “falar por” ou “falar sobre” categorias ou grupos sociais, no campo de batalha simbólico das artes e das indústrias da cultura.

Ainda, ele retoma o conceito de representação do dicionário “Novo Dicionário Aurélio, à procura das definições canônicas de representar e representação, em nosso idioma, obtém uma noção preliminar das relações de poder em que tal família de palavras se encontra envolvida.” (FREIRE FILHO, 2005, p.1). Desta forma, ele procura dar atenção para as representações das minorias da mídia como a mulher, que geralmente é representada marginalmente.

As representações para Hall (1997), implicam na produção de significados, que ocorrem por meio da linguagem. A linguagem então, serve como um sistema de representações, sendo como meio em que pensamentos, emoções, juízos são representados em uma certa cultura, ou seja, as representações por meio da linguagem são fundamentais para os métodos, aos quais são construídos os significados. Para Hall (2010, p.447) a representação

*[...] conecta el sentido al lenguaje y a la cultura.[...] significa usar el lenguaje para decir algo con sentido sobre el mundo, o para representarlo de manera significativa a otras personas. [...] implica el uso del lenguaje, de los signos y las imagines que están en lugar de las cosas, o las representan.*

Hall (2010), acredita que todo o grupo de indivíduos pertencentes a uma sociedade, devem possuir signos que gerem sentidos ao meio cultural, assim, com os saberes e pensamentos agrupados em conjuntos tornam estes signos

*[...] organizados en lenguajes y la existência de lenguajes comunes es lo que nos permite traducir nuestros pensamientos (conceptos) en palabras, sonidos o imágenes, y logo usarlos, operando ellos como un lenguaje, para expresar sentidos y comunicar pensamientos a otras personas. (HALL, 2010, p. 449)*

Os signos devem de alguma forma, serem capazes de dar sentido ou referência ao que ele está substituindo naquele momento, podendo ser em forma de sons ou imagens. Entretanto, o mesmo traz à tona dois tipos de realidades, uma referente ao real objeto representado e outra referente ao sinal representativo deste objeto, já que, isto torna possível qualquer tipo de ato comparativo ou até um desígnio de semelhança entre o original objeto e suas representações.

A linguagem como meio representativo, torna-se fonte de conhecimento, tornando possível o reflorescer da memória quando necessário o sentido ou referência de algum objeto que requer ser identificado. Os signos representativos constituídos em forma de palavras ou indexais, possuem um ponto diferencial das imagens e sons. A diferença está, no sentido de não haver uma notória relação entre a coisa (original) e a palavra representada. No contexto midiático, essas nuances tornam-se de grande importância, já que, a informação dada pelos diversos tipos de comunicações, tem que possuir um meio que designe sentido com o que se deseja ser expressado. Assim, Hall (2010) conclui afirmando que

*La representación es la producción de sentido a través del lenguaje. En la representación [...] usamos signos, organizados en lenguajes de diferentes clases, a fin de comunicarnos, significativamente con los otros. Los lenguajes pueden usar signos para simbolizar, estar en lugar de, o referenciar objetos, personas y eventos en el llamado mundo "real". (HALL, 2010, p. 457)*

É por meio das representações que conhecemos e nos identificamos com o outro, colocando em risco as nossas diferenças e reafirmando as nossas identidades. Como enfatiza Woodward:

A representação incluiu as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É



por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos. (WOODWARD, 2009, p.16)

Hall (1997), define três abordagens em uma de suas concepções acerca das representações: reflexiva, intencional e construcionista/construtivista. Na abordagem reflexiva, acredita-se que o significado se encontra no objeto, pessoa ou pensamentos reais, em que a linguagem reflete o verdadeiro significado do que existe na vida. A abordagem intencional, concebe o sujeito como o ser falante e que estabelece seu significado ímpar ao mundo, através da linguagem. A terceira e última abordagem, reconhece que nem as coisas e os sujeitos da língua podem estabelecer os significados, assim, admitindo o caráter social e público da língua. Aqui, as coisas não apenas significam, elas são construídas, pois estabelecemos o significado, por meio dos sistemas de representações.

## **1.2 Identidades, cultura e diferença**

Os principais autores com concepções teóricas e empíricas alinhada à temática deste estudo e que darão conta do objetivo deste subcapítulo são: Cuchê (1999) e Hall (2006). Com base nestes teóricos, busca-se desenvolver conceitos que serão importantes para a análise deste estudo.

Assim, é necessário reconhecer os conceitos e definições que constituem o eixo de estudo: as identidades, cultura e diferença a partir da reflexão teórica proposta pelos estudos culturais britânicos. Identidade para Lisboa Filho (2009, p.175) implica no “conjunto de traços e características que identificam um grupo social, distinguindo-o dos demais grupos”. A construção dessa identidade, para o autor, se dá a partir das características proporcionadas pela linguagem e pelos sistemas simbólicos na qual estão representadas, sendo apontadas pela disparidade e manifestando-se no individual e no coletivo.

A identidade para Hall (2006) é dividida entre velhas e novas, na qual as velhas identidades são anteriores às novas mudanças sociais, quando a sociedade vivia estagnada e o sujeito era tido como unificado. E as novas advindas das mudanças nos processos e estruturas sociais, em que o sujeito se “fragmenta” e desloca-se, deixando de ser estável, passando a ter novos papéis sociais e comportamentos.

O impacto da globalização na identidade cultural subdividiu a sociedade entre “tradicional” e “moderna”, sendo que esta última sofre constantemente por mudanças

rápidas e permanentes. Já na sociedade tradicional o passado é valorizado, pelo fato de existir as experiências de diversas gerações precedentes.

A globalização, está ligada ao processo de migração, pois junto com ela veio o incentivo à dispersão por motivos econômicos como a oferta de emprego. Com isso, as pessoas se dispersaram e se dispersão pelo mundo, produzindo novas e identidades plurais (HALL, 2006). Jacks (2003, p.14), ao tratar das identidades globalizadas afirma que “os efeitos da globalização, que fazem emergir a construção, reconstrução e fortalecimento de múltiplas identidades no mundo inteiro, mantendo-o atualizado como questão”.

Para Hall (2006), a identidade modifica-se conforme o processo histórico, e para explicar esta concepção ele define três termos: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo, se refere à pessoa totalmente centrada, uma visão particular do sujeito e da sua própria identidade. O indivíduo do século XVIII era unificado e considerado “usualmente” como masculino, com habilidades de ação, razão e consciência, em que a identidade da pessoa era o “centro” fundamental do eu. As identidades, assim, eram absolutamente coerentes e unificadas, com sólidos apoios nas suas estruturas e tradições que não estavam suscetíveis a mudanças.

O supracitado autor, afirma que o sujeito sociológico forma sua identidade conforme a interação social, ou seja, a identidade nesse aspecto preenche o espaço que há entre o mundo pessoal e público. Neste período, o indivíduo tem a identidade e o “centro” do eu com uma compreensão mais interativa, no qual a formação da identidade se dá por meio da interação entre sociedade e o sujeito, entre o mundo pessoal e o público.

O sujeito pós-moderno, definido por Hall (2006), não possui uma identidade fixa, pois nessa concepção, a identidade é formada e transformada constantemente, não se trata de uma identidade, mas de uma pluralidade identitária, que por vezes gera contradições e conflito, ou seja, é um indivíduo aqui é descentrado. Nesta perspectiva da segunda metade do século XX, o sujeito pós-moderno forma sua identidade conforme o contexto histórico, pois não existe um “eu” coerente, já que as identidades abertas e fragmentadas que o sujeito se apropria são diferentes e acontecem em momentos diferentes.

A partir de uma visão de identidade contemporânea, Jacks (2003) afirma que a identidade do sujeito é quando ele se difere do externo e se assemelha com o interno – externo à sua cultura e interno ao reconhecer a cultura, quando se sente representado. Assim, a autora considera que a identidade é histórica:

Identidade, contemporânea, então, não se circunscreve apenas ao território, mas à ação sociocomunicacional, articulando local, regional, internacional e o pós-nacional, questão que emerge a partir dos vários tratados de livre comércio que estão em vigor. Isso, entretanto, não quer dizer que o território perde sua significação, apenas deve ser somado às participações em redes comunicacionais. Conclui assim que a modernidade/pós-modernidade não acaba com o tradicional, apenas o transforma, e que a identidade não pode ser atemporal, mas histórica. (JACKS, 2003, p. 36).

Assim, pode-se dizer que identidade é uma construção social. Em meio a suas concepções Cuchê (1999, p. 176), observa a identidade afirmando que ela “remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”. Essa diferença se dá a partir dos modos de supressão social e dos sistemas simbólicos representativos, pois é pela identidade que o sujeito se localiza e é localizado no meio social por meio das vinculações no ambiente social e as estratégias da identidade, podem influenciar e alterar uma cultura. Reforçando este argumento Woodward (2009, p.08), afirma que as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”.

Seguindo as percepções de Cuchê (1999), em certo momento ele retoma uma corrente mais tradicional e define a identidade como algo que é algo inato ao sujeito, ou seja, ele nasce com os aspectos característicos de uma identidade cultural e étnica, vindo de uma herança biológica e genética. Desta forma, a identidade preexiste ao sujeito, em que até ele reconhecer a sua cultura de origem, é influenciado a interiorizar os padrões culturais que lhe são instituídos. O sujeito por meio disto identifica sua identidade pelo o que também não é dito, assim seguindo Woodward (2009, p.09) “a identidade é sustentada pela exclusão”, ou seja, o que foi silenciado ou deixado de lado, colabora para o processo de formação da identidade.

Assim, a identidade também é construída no meio social produzindo efeitos sociais, ou seja, para Cuchê (1999), ela também ocorre dentro dos contextos sociais que estabelecem as posições dos sujeitos e deliberam suas escolhas e representações no social. Já, para Barths (1969), a identidade ocorre por meio da disposição das relações entre conjuntos sociais, que constrói/reconstrói a cada instante no centro das alternâncias sociais. Esta concepção se equivale a que Hall (2006) chama de moderna, em que alteridade e identidade possuem uma relação dialética, pois em uma identidade sempre está em relação à outra identidade.

Em uma perspectiva mais estratégica, Cuchê (1999) concebe a identidade como uma dimensão mutável, em que ela é compreendida como uma ferramenta, uma forma para alcançar um objetivo, sendo ela relativa. Assim, o sujeito emprega os mecanismos da identidade de forma estratégica, no qual essas estratégias devem considerar o ambiente social, a relação de poder entre os grupos sociais e suas artimanhas.

A afirmação de uma identidade muitas vezes se dá quando se recorre ao passado, no sentido de que a diferença acontece com base nos antecedentes históricos. Para Silva (2009, p.12) “[...], a redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise.”. A política de identidade, para ele, está associada com a seleção de sujeitos por meio do processo de formação de identidades. Esse método se dá tanto pelo recorro às identidades hegemônicas, quanto pela relutância dos “novos movimentos sociais”.

As identidades assumem sentido por meio dos sistemas simbólicos e da linguagem, segundo Silva (2009), elas são marcadas pela diferença. Sendo que, as diferenças são indissociáveis, pois uma depende da outra, elas são consequências de ações de invenção linguística e não podem ser entendidas externamente aos sistemas de significações ao qual elas adquirem sentido.

Esta diferença ocorre pela exclusão, pois, supostamente, o sujeito percebe a sua identidade no momento em que nota que não pertence à outra identidade, como por exemplo, quando o sujeito percebe que tem identidade gaúcha e não uruguaia. Desta forma, o desenvolvimento da identidade é simbólica e social, na qual a busca para afirmar as distintas identidades tem razões e efeitos materiais, como perdas econômicas e sociais. Sendo que, o social e o simbólico são processos distintos e essenciais para o desenvolvimento e atualização de uma identidade.

Portanto, a identidade é também relacional, pois para existir a identidade gaúcha é necessária a existência de outra identidade externa à ela, no caso a identidade uruguaia. O sujeito ao reafirmar sua identidade recorre aos antecedentes históricos, ou seja, o gaúcho busca reafirmar sua identidade com base em sua história, que pode produzir nova identidade. No entanto, para Silva (2009), a redescoberta do passado só se dá no presente (nesse instante) quando se tem a formação de uma nova identidade.

Ao refletir sobre as concepções de Hall (2006), o supracitado Silva (2009), traz como

ponto inicial o assunto de quem/o que nós representamos quando enunciamos, argumentando que o sujeito enuncia sempre partindo de uma posição por meio do contexto histórico e cultural específico, em que ele define duas formas diferentes de identidade cultural: a primeira, está à busca da verdade sobre o passado na “unicidade” do contexto histórico da cultura partilhada para ser representada; a segunda forma, se refere à formação da identidade cultural de como “tornar-se” e “ser”, não negando o passado. Ao conceber a identidade como “tornar-se”, Hall (2006) afirma que os sujeitos que reivindicam a identidade, seriam habilitados para se posicionar e transformar as identidades históricas.

Conhecer aspectos em torno da cultura como conceito e perceber como ela se faz presente na mídia televisiva, também é fundante para responder os objetivos deste estudo. Segundo Williams (2007), o significado do termo cultura na língua inglesa passou por diversas mudanças com o passar dos anos, inicialmente ela foi concebida como cultivo, passando posteriormente a significar adoração, civilização até ser concebida como modo de vida, em que um conjunto de indivíduos compartilha das mesmas práticas culturais, esta concepção é a mais aceita e perdura até a atualidade.

Para Williams (2007), a importância em definir o termo começou quando ganhou valorização no ambiente intelectual, pois a partir deste momento é que ela foi usada como significado de importância. Advinda do latim *Colere*, cultura significava diversas coisas como cultivar, proteger e adorar. Em inglês, Cultura implicava cultivo, o que ocorreu também em sua forma francesa *couture*, que posteriormente, passou a se chamar *Culture*, como também sendo sinônimo de cultivar. Num outro momento, a cultura tinha seu significado relacionado a cuidado, seja com os animais ou com as plantas. Depois foi estendido para cuidado humano. Williams (2007) traz a base que transformou o significado de cultura:

O subsidiário *coulter* (relha de arado) tomou um rumo linguístico diferente a partir do latim *culter* (relha de arado) passando para o inglês antigo *culter* até chegar às ortografias inglesas variantes *culter*, *colter*, *culter* e, até mesmo no início do S17, *culture*.... (WILLIAMS, 2007, p. 178)

O significado relativo a cultivo permaneceu fortemente até o início do século XIX, segundo Williams (2007). O autor ainda destaca duas mudanças importantes neste processo de modificação no conceito, o primeiro em relação à passagem para cuidado humano e a segunda implica na abstração da sua definição, de processos específicos para geral.

Segundo Williams (2007), não há evidências de data específica em que o significado de cultura se modifica, pois, a mudança foi gradual. A aparição mais frequente do termo cultura iniciou-se mais próximo do início do século XIX, quando seu conceito se referia principalmente à civilização.

O conceito de cultura em outras línguas também passa por metamorfoses, em francês, Williams (2007), relata que no século XVIII, era relacionada a substantivo, junto ao significado de civilização tornando uma relação complexa.

Havia nessa época um desenvolvimento importante em alemão: a palavra foi emprestada do francês, primeiro grafada *Cultur* e, a partir do S19, *Kultur*. Seu principal uso era ainda como sinônimo de civilização: primeiro, no sentido abstrato de um processo geral de tornar-se “civilizado” ou “cultivado”; segundo, no sentido que já fora estabelecido para civilização pelos historiadores do Iluminismo, na popular forma setentista das histórias universais, como uma descrição do processo secular de desenvolvimento humano. (WILLIAMS, 2007, p. 119)

Ainda na Alemanha, Segundo Williams (2007), cultura ganhou um “s” passando a “Culturas” e dividindo o termo entre culturas espiritual e material. Assim, ele divide em três categorias ativas do uso da cultura: primeiro implica na descrição do processo intelectual e estético; segundo implica em uma forma de articulação da vida, seja grupo, povo ou período; e o terceiro ligado a práticas de atividades intelectuais ou artísticas. Aqui já se vê mais pistas do conceito intelectual atual, na qual a cultura é concebida como modo de vida. Este modo de vida, ou seja, a cultura, se refere a um conjunto de práticas culturais que um mesmo grupo compartilha, estas práticas compartilhadas podem ser músicas, danças, ideologia, crenças, ritos, alimentação e diversos elementos.

A distinção feita por Williams (2007) acerca da complexidade da cultura, aponta a distinção crucial entre a definição antropológica e a definição dos Estudos Culturais. Na história e nos Estudos Culturais cultura implica nos sistemas de significação e simbólicos essencialmente, já na antropologia, cultura se refere à produção concreta (material).

Nessa complexa argumentação, há posições fundamentalmente opostas e também efetivamente superpostas; há ainda – o que é compreensível – muitas questões não resolvidas e respostas confusas. Mas não se podem resolver esses argumentos e questões reduzindo-se à complexidade do uso real. Esse ponto é relevante também aos usos de formas da palavra em outras línguas além do inglês, em que existem variações consideráveis. (Williams, 2007, p. 122)

Assim, neste estudo se tem com premissa a concepção dos Estudos Culturais, em que a cultura não se reduz a um conceito fixo, mas leva em conta a complexidade da

cultura. Afinal, a complexidade não está na palavra, mas sim nas variações de uso de forma considerável, que revela uma história de desenvolvimento social e cultural da humanidade. Quando a cultura popular se legitima, ela se transforma em um lugar onde se realiza o exercício da atividade crítica. Desta forma, entende-se a importância em analisar as práticas culturais os estudiosos, desenvolveram as teorias dos Estudos Culturais.

Para entender melhor, retoma-se o texto precursor criado por Williams (1958), que conceitua cultura e sua importância histórica trazendo-a como categoria-chave, no qual é entendida como um modo de vida que relaciona a investigação social e a pesquisa literária. Entende-se assim que com a globalização, as culturas passaram a se expandir por outras terras de distintas maneiras. Esta disseminação cultural também acontece no meio midiático, e muitas vezes pode enfatizar o sentimento de pertencimento a certa cultura (LISBOA FILHO, 2009).

Pode-se também afirmar que uma cultura pode ser transmitida e atualizada conforme as influências dos meios de comunicação. Para elucidar melhor esta afirmação, trouxemos um exemplo dado por Lisboa Filho (2009):

No caso do Rio Grande do Sul, temos um regionalismo constantemente evocado e atualizado de formas diversas, inclusive em produtos midiáticos específicos de várias ordens, tanto na televisão, quanto no rádio e na internet. Contudo, esses produtos se intensificam em determinadas épocas provocando alguma mudança de comportamento social. Nesse processo, a constituição da identidade gaúcha é projetada do passado e cria práticas contemporâneas até a globalizadas. (LISBOA FILHO, 2009, p. 175).

Como pode-se perceber, as migrações, dispersões e até mesmo a mídia, interfere em uma cultura, seja na sua disseminação ou na sua atualização e até mesmo modificação. Desta forma, impulsionou-se a proposta de estudo de mestrado, que busca problematizar como se estruturam os sentidos presentes na série. A mídia em sua mais profunda superficialidade serve como uma ferramenta de divulgação e disseminação de uma marca/produto, assim como também de uma cultura.

### **1.3 Estudos Culturais, gênero e hegemonia**

Posterior à compreensão da identidade e diferença nos Estudos Culturais, parte-se para o entendimento da hegemonia no campo culturalista, que em sua essência surge como resposta à visão hegemônica da sociedade da época. A hegemonia de Williams (1979)

torna-se um conceito fundante deste estudo. Ela é concebida como processo ligado ao poder, essencialmente ao poder político, que vai além do conceito de cultura, sendo entendida como um “conjunto de práticas e expectativas sobre a vida” (WILLIAMS, 1979, p. 115). As concepções de Gramsci são basilares para Williams (1979), uma vez que Gramsci compreende a hegemonia levando em conta as relações políticas, culturais e econômicas e da superestrutura advinda do marxismo.

Hegemonia e ideologia não são sinônimos. Para Williams (1979) a ideologia está ancorada num sistema formal de crenças, ideias e valores articulados que podem ser vistos sem levar em consideração o sistema social ativo, algo relacionado à “visão de mundo”. Já o conceito de hegemonia, segundo Williams (1979) vai além, ele não só considera a ideologia e o processo social ativo, como expressa uma diligência de classe. Entretanto, pode-se considerar que quando mais irradiada uma ideologia está na sociedade, mais consolidada a hegemonia estará.

A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de “ideologia”, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como “manipulação” ou “doutrinação”. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. (WILLIAMS, 1979, p.113)

Neste sentido, a hegemonia se diferencia de cultura por considerar relações de subordinação e domínio. Williams (1979) afirma que essa hegemonia tem um sentido mais aguçado de cultura, destacando duas vantagens neste aspecto. A primeira considera estas relações de domínio e subordinação, com ela chega-se mais próximo da sociedade real e sua organização com divisões de classe e poder. A segunda vantagem diz respeito às práticas culturais que deixam de ser uma superestrutura para serem uma expressão dela.

Com olhar para as culturas populares contra-hegemônicas da época, a teoria dos Estudos Culturais (EC) surge coesa aos movimentos sociais e ao movimento de uma Nova Esquerda, com o objetivo de entender as relações e as modificações culturais da época. Não distante de seu propósito inicial, atualmente, os EC estudam as práticas culturais da sociedade ligadas às perspectivas que trabalham principalmente com a mídia e a literatura. (ESCOSTEGUY, 2010).



Em seu histórico, os Estudos Culturais possui certa tentativa de aproximação com os estudos feministas de gênero. Escosteguy (2010), ao falar deste envolvimento, traz aspectos de Hall (1992, 1996a), no qual afirma que o feminismo foi uma das rupturas teóricas que modificou os EC

[...] nos seguintes aspectos: a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas conseqüências na construção do objeto de estudo dos estudos culturais; a expansão da noção de poder, que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder”; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e, por último, a “reabertura” da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente – psicanálise. (ESCOSTEGUY, 2010, p 45)

Outra versão feminista deste envolvimento também foi escrita e Escosteguy (2010), que trouxe estas duas perspectivas, uma já citada acima, em que Hall aponta o rompimento pela autonomia do feminismo como surpreendente e assume a forma patriarcal da tentativa de inserção, e outra em que a autora traz Bunsdon (1996), ao afirmar a existência de nichos dentro do *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, que não condiziam com as teorias feministas da época.

Esta última versão não é sinônimo de admiração para os Estudos Culturais, nem para a teoria feminista advinda do CCCS, mas ela é importante para entendimento de aspectos futuros destas vertentes. E não só por isto, mas porque esta relação foi decisiva para certa reorganização das pesquisas nos EC como na sua concepção acerca de poder e do sujeito. (ESCOSTEGUY, 1998).

Após esta tentativa de inserção das vertentes feministas nos EC em meados de 1970, as teorias deram continuidade a seus estudos de forma independente. Com o aumento do número de movimentos de lutas de gênero e com o ganho de visibilidade, as teorias sobre gênero, principalmente as teorias feministas, foram se multiplicando.

Segundo Escosteguy (1998), *Women's Liberation Movement*, de 1976, teve um importante papel neste processo, pois fez com que as mulheres do CCCS discutissem suas posições no Centro. Mesmo com muitas forças contrárias, sugeriram e criaram um grupo de estudo apenas com mulheres. A obra original, denominada *110 Working Papers in Cultural Studies*, foi lançada no final da década de 1960, uma precursora das teorias feministas que tinha seu foco nas categorias de gênero e nas práticas sociais. Como

primeira obra, demonstrou o que ainda acontece fortemente nas teorias feministas que são suas instabilidades epistemológicas.

Ainda sobre as intelectuais feministas do CCCS, outra produção da época é destacada por Escosteguy (1998), a *Off-Centre - Feminism and Cultural Studies*, lançada em 1991. Esta obra, vinculada ao Departamento de Estudos Culturais, destaca a importância desta relação entre as teorias feministas e os EC, assinalando os aspectos em comum destas duas vertentes.

Neste sentido, a pesquisadora Escosteguy (1998) relata dois aspectos em relação aos EC: um sobre o desapontamento deste campo em relação às intelectuais feministas, por elas não se fundamentarem nos EC, e outro sobre a complexificação para definição de cultura no feminismo.

Vale também destacar as influências da vertente feminista nos estudos dos meios, a partir dela programas de cunho político e jornalísticos dividem o foco das pesquisas com as “telenovelas e outros gêneros considerados mais 'femininos'”. A família foi identificada como um importante agente de apropriação de produtos culturais, abrindo caminho para investigações inovadoras sobre as conexões entre vida privada e pública” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 7).

Para Escosteguy (1998, p. 7 e 8), “a inserção do feminismo nos Estudos Culturais tem relação com sua promessa de intervenção estratégica na política da vida cotidiana”. A televisão é considerada o “ponto de encontro” entre os EC e a perspectiva feminista, segundo Escosteguy (1998), observação essa realizada por meio da análise da obra *Feminist Television Criticism*, de 1997. Esta produção traz, segundo a supracitada autora, olhares diferentes sobre as teorias feministas anglo-americanas dos últimos vinte anos, com o foco em mapear o desenvolvimento do campo feminista.

As pesquisas feministas por meio da análise da mulher na mídia, crescem exponencialmente e são amparadas por teorias advindas do cinema, da sociologia, da psicanálise, do cinema e da antropologia. Para Escosteguy (1998), as teorias feministas devem contemplar não só todos os elementos em torno da televisão no âmbito político, cultural e econômico como também, e fundamentalmente, as perspectivas de gênero feminino que é sua essência.

Os EC não incorporaram concepções próprias acerca de gênero, mas por trabalhar com cultura e minorias, não se eximem de abordar questões de gênero, como é o caso

deste trabalho. Sendo assim, ainda neste estudo, torna-se necessário fazer algumas ressalvas históricas importantes e elucidar questões acerca de gênero.

A crítica feminista centra-se nas relações de poder e dominação do gênero masculino sobre o gênero feminino, resgatando o cotidiano por meio de depoimentos, histórias, autobiografias e biografias. Estes aspectos impulsionaram indagações em relação à identidade introduziram “novas variáveis na sua constituição, deixando-se de ver os processos de construção da identidade unicamente através da cultura de classe e sua transmissão geracional” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 8).

A teoria feminista surge, assim como os EC, por inconformidades e questionamentos em relação à representação e reconhecimento das minorias na época. Segundo Butler (2003), as principais discordâncias eram com as condições de representatividade feminina, que não existiam na época.

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada (BUTLER, 2003, p. 18)

Os estudos de gênero, advém desde o final do século XIX e início do século XX. Para Piscitelli (2009), a “primeira onda” dos estudos feministas surge por meio da movimentação em torno das reivindicações pela igualdade entre homens e mulheres. Nesta época, segundo a autora, as feministas pleiteavam direitos universais como direito ao voto, ter bens, salários iguais. Em meio a estas reivindicações, surge a teoria social que busca responder a origem destas convenções sociais criadas, que levaram às mulheres a lutar por direitos iguais entre os sexos.

Segundo Piscitelli (2009), estes novos autores da época colaboraram para mostrar que realmente estas convenções sociais foram criadas, pois haviam tribos indígenas, por exemplo, que atividades que eram consideradas “femininas” na sociedade “civil”. Nestas tribos os homens também faziam, e o mesmo acontecia com o sexo oposto, não se estipulava funções sociais pelo sexo (homem ou mulher). Assim, eles mostram que nenhuma função é naturalmente de um dos sexos. Desta forma, também se inicia a teoria dos papéis sociais, na qual diversos pesquisadores começam a conceber a ideia de que cada pessoa tem um papel na sociedade, que é construído culturalmente. Elementos como

idade e sexo são importantes, na medida em que ajudam a definir os comportamentos sociais.

Com a publicação do livro “O segundo Sexo” de Simone Beauvoir, surge “a segunda onda” do feminismo. Considerada como uma obra impactante na época, que levou a muitas reações contrárias, pois segundo Piscitelli (2009), Simone ía além ao trazer a noção de poder na relação entre os sexos. A autora partia da definição de “papeis sexuais”, com a concepção de que “a posição da mulher é uma construção social”, para apontar a dominação do homem sobre a mulher, o patriarcado.

Para Beauvoir, as mulheres são subordinadas aos homens, são o outro, enquanto os homens são dominadores, neutros, pois suas posições são como normas universais. Para terminar com essa subordinação das mulheres, as feministas de segunda onda procuravam estratégias e argumentos teóricos que comprovasse a origem destas convenções, debruçando-se principalmente sobre as categorias: mulher, patriarcado e opressão. (PISCITELLI, 2009, p. 133)

Segundo a supracitada autora, Piscitelli (2009), a categoria mulher nesta onda foi desenvolvida para explicar que a opressão ultrapassa as questões de raça e classe. A opressão é quem relaciona todas as mulheres, pois elas possuem um sentido político de coletivo que vai muito além de suas diferenças, dando às mulheres uma identidade, de mulher. A partir daí as relações de dominação masculina passam a ser relações de poder, estando ou não dentro do ambiente público.

O patriarcado era trabalhado dentro desta perspectiva única do poder, na qual as relações entre os sexos eram vistas como relações políticas de dominação masculina e por isso, foi e é ainda muito criticado, pois este conceito não era concebido dentro de sua dinâmica, história e seus elementos centrais. Seguindo Piscitelli (2009), assim como ele, a opressão também foi e é questionada, pelo fato dos pesquisadores buscarem um termo mais apropriado, para descrever a opressão não como algo natural e fixo. Por mais que estes conceitos tenham caído por terra, não podemos eximir suas importâncias nesta época do desenvolvimento das teorias feministas.

Como há muitos séculos atrás não existia a utilização e separação pelo gênero, utilizava-se outros termos figurados que realizava a distinção entre homens e mulheres por características sexuais apenas. Com a perspectiva feminista de segunda onda, iniciou-se

a utilização do termo “gênero” como uma forma para se referir “à organização social da relação entre os sexos”. (SCOTT, 1995, p. 72)

Assim, o significado de gênero vai passando por constantes modificações, atualizações e ressignificações por meio da teoria feminista:

Ademais, e talvez o mais importante, o “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. (SCOTT, 1995, p. 73)

Historiadoras feministas, segundo a supracitada autora, afirmam que conceber gênero, por mais que ocorra diversas mudanças em seu significado, é importante na medida em que constrói uma nova história para as mulheres, que corrobora para as lutas por equidade de gênero. Para Scott (1995, p.91), o gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Ou seja, concebe-se aqui gênero como elemento que é utilizado para diferenciação e como modo de significação das relações de poder entre os sexos feminino e masculino.

Também trazemos as concepções de Braidotti (2004) em relação a gênero. Para a referida autora, a migração interna de periferia para os centros populacionais modificou as discussões em relação a culturas para dentro da cultura, gerando desta forma, discussões não só sobre o sujeito, mas entre sujeitos, como é o caso do gênero.

Assim, sugere-se a reconfiguração da identidade feminina, na qual Braidotti (2004), afirma que deve haver a apropriação de todos os aspectos referentes ao feminino, inclusive as negativas e ressignificá-los. O que a autora quer dizer é que devemos ressignificar os elementos hegemônicos de uma cultura que masculinizam a mulher e transformarmos em aspectos que valorizem a identidade feminina.

Vale lembrar, segundo Piscitelli (2009), que o conceito de gênero teve sua ênfase com a concepção da antropóloga Gayle Rubin com a obra “O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo”, de 1975. Nesta obra, inquieta com a questão da subordinação masculina, a autora desenvolveu o sistema sexo/gênero como um “conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana” (Piscitelli, 2009, p. 137). Com isso, a autora estabelece na

passagem entre cultura e natureza na relação entre “fêmeas” para “mulheres domesticadas”. Vale destacar a influência de Lévi-Strauss nas percepções de Rubin segundo Piscitelli (2009, p.138)

Dialogando com Lévi-Strauss, Rubin afirma que, na formulação desse autor, a divisão sexual do trabalho, fundamentalmente para o parentesco, cria o gênero, porque, para garantir o casamento, instaura a diferença, a oposição, entre os sexos. Ou seja, os sexos não são tão diferentes em termos naturais, mas a divisão sexual do trabalho constrói a necessidade de tarefas femininas diferentes das masculinas. Com esse fim, essa divisão acentua, no plano da cultura, as diferenças biológicas entre os sexos.

Mas o que é realmente importante nesta perspectiva de Rubin, é o gênero como uma dimensão política articulado com a sexualidade. Para Rubin, segundo Piscitelli (2009, p139), “gênero não é apenas uma identificação com um sexo, mas obriga que o desejo sexual seja orientado para o outro sexo.”

Mais tarde, em sua desconstrução quanto à concepção de gênero da teoria feminista, Butler (2003) parte do dualismo entre gênero e sexo para elucidar a mulher como sujeito no feminismo. Nesta dualidade, gênero vai além de sexo, pois ele é construído socialmente a partir da cultura, enquanto o sexo é construído biologicamente.

Para Butler (2003), sob sua ótica do feminismo, trabalhar com a mulher é um problema, não no sentido negativo da palavra, seguindo o pensamento de Beauvoir (1970), a mulher em uma cultura machista por si só é considerada um problema. No machismo, a mulher é o “outro” que estabelece uma relação ilusória de certa autonomia masculina.

Os homens, neste sentido, possuem a falsa impressão de que são autônomos, mas na verdade, eles encontram-se amparados nas mulheres. Assim surge a questão de gênero, para tratar desta binaridade, das diferenças entre homem e mulher, questão relevante para este estudo.

Compreende-se a diferença de gênero masculino e feminino como algo resultante de construções e práticas concebidas culturalmente. Aqui, em especial, focamos na cultura brasileira, que ainda possui hegemonia machista, mas há muitas inserções contra hegemônicas que influenciam na modificação e atualização desta cultura, como é o caso da série Mulheres Espetaculares.

## CAPÍTULO II – IDENTIDADES E MÍDIA ESPORTIVA

Neste capítulo são trazidos os entendimentos acerca da produção televisiva hegemônica, assim como, as concepções relacionadas às identidades da mulher na mídia esportiva. Para dar conta do “O esporte na mídia hegemônica”, concebe-se as perspectivas de Guterman (2014) e DaMatta (1982) e, as informações sobre a mídia televisiva, gênero e cultura foram encontradas também nos sites oficiais da emissora e do programa da série e em Williams (2007). Utiliza-se de base Goellner (2006) e Escosteguy (2010) para compreender as identidades femininas na mídia esportiva, em “Identidades femininas e mídia esportiva”.

### 2.1 O esporte no Brasil e a mídia hegemônica

Neste capítulo, antes de tratar do desenvolvimento histórico do esporte relacionado a mídia no Brasil, é importante resgatar muito brevemente o nascimento da prática esportiva. Existem muitas das histórias que evidenciam o surgimento desta prática, mas a predominância da história Grega ainda é a mais aceita.

O desenvolvimento das civilizações e criação das cidades na Grécia, corroboraram para o surgimento da prática esportiva. Isto porque, nesta região haviam muitas disputas por terras e para demarcar seus territórios, os gregos construía santuários em seus limites de área. Culturalmente, estes santuários existiam para práticas religiosas, pois eles acreditavam que os rituais ali praticados eram prósperos para o desenvolvimento das cidades.

A cidade surge, portanto, a partir da organização de um culto, fazendo com que exista um limite para a sua área, cuja consequência direta é fazer com que os habitantes daquela região se sintam pertencentes ao mesmo grupo social, fato reforçado pelas crenças nos mesmos deuses, personificados pelos cultos públicos. (RUBIO, 2011, p. 226)

Estas cerimônias foram se desenvolvendo e ganhando novos formatos, até se tornarem Jogos Públicos, sendo o mais conhecido os Jogos Olímpicos, assim chamados por serem realizados na cidade de Olímpia. O atleta que chegasse em primeira colocação na competição, ganhava como prêmio uma coroa com ramos de oliveira, que significava religiosamente prosperidade. Vê-se já em seu surgimento na Grécia, que o esporte era de

dominância patriarcal, em que os Jogos Olímpicos eram restritos aos homens e a os Jogos Heranos eram somente para mulheres solteiras.

Já no Brasil vê-se a história de outra forma, segundo Melo (2009), no século XVIII, as cavalhadas<sup>1</sup> e touradas (corrida de touros)<sup>2</sup> foram consideradas práticas que antecederam o esporte no país, elas aconteciam durante as festividades da sociedade. Na época, eram as atividades que mais se aproximavam ao formato do campo esportivo.

As touradas eram de grande agrado para a população e fez parte de diversos eventos pelos Brasil, mas no Rio de Janeiro ocorreu dois dos maiores eventos da época, o casamento de Dom Pedro com D. Leopoldina, em 1817 e a aclamação de Dom João VI, em 1818. Conforme Melo (2009), o tempo foi passando e as touradas começaram a ser mais organizadas e, na década de 1820, alguns “empresários traficantes de escravos” começaram a investir nesse ramo, que foi crescendo rapidamente com a criação de arenas e cobrança de ingressos.

Podemos observar um fenômeno interessante: uma prática que tem origem rural, antes eventualmente realizada por ocasião das festas, no contexto da cidade que cresce, torna-se relativamente autônoma, com espaço fixo, calendário próprio e promovida por “empresários”, que contratam os toureiros e ganham dinheiro com bilhetes de entradas e apostas. (MELO, 2009, p. 40)

Posteriormente, a partir da década de 1850, as touradas passaram a ser perseguidas, pois contestavam o grau de violência com os animais, as formas de tratamento deles e também das organizações dos eventos e instalações das arenas. Com a volta da família Real Portuguesa (1820) e o desejo de modernizar o Brasil, muitos bens culturais e simbólicos, modismos e esportes da Europa chegaram.

A influência dos estrangeiros é um fator de importância a ser considerado no desenvolvimento do campo esportivo do país. Os europeus trouxeram o hábito e o desejo de estruturar clubes, organizar competições esportivas e até mesmo de ensinar práticas ligadas às atividades físicas/esportes. (MELO, 2009, p. 45)

Estas influências, já podiam ser vistas até mesmo antes, com a primeira chegada da família Real Portuguesa, em 1808. Segundo Melo (2009), as primeiras corridas de cavalos foram patrocinadas por negociadores britânicos, que já utilizavam a mídia para influenciar

---

1 Cavalhadas são uma festa popular que gira em torno da teatralização uma batalha entre cavaleiros cristãos e muçumanos (mourous). Os cristãos saem sempre vitoriosos e os mourous se convertem em cristãos. Consulta em: <https://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/cavalhada.htm>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

2 A tourada é também um espetáculo em que um artista (cavaleiro) arrisca sua vida tentando pegar touros bravos. Consulta em: <http://www.touradas.pt/tauromaquia/atourada>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.



o povo nas suas práticas, em registro disto, há uma publicação de uma pequena nota na *Gazeta do Rio de Janeiro* de maio do ano de 1814. Com o aumento da visibilidade das cavalhadas na mídia, elas acabaram chamando a atenção das elites sociais e devido a esta popularidade, em 1849, foi inaugurado o primeiro Clube de Corridas, a primeira agremiação esportiva no Brasil.

O Clube de Corridas foi fechado e para evitar prejuízos para os fundadores, o hipódromo que existia ali foi arrendado. Segundo Melo (2009), João Guilherme Suckow, novo dono do Clube de Corridas, reinaugurou o hipódromo com grande sucesso. Este sucesso repercutia na mídia da época, jornais relavam o sucesso dessa nova opção de diversão na cidade e desta forma, influenciaram nas práticas da população da época e novos clubes foram surgindo, não só no Rio de Janeiro, mas em todo o país.

Na inauguração do Club de Corridas Paulistano (atual Jockey Club de São Paulo), em 1875, a terceira colocação da corrida foi vencida pela jóquei Maria Domitila de Aguiar Castro, neta da Marquesa de Santos, um fato ímpar na história do esporte brasileiro. Conforme Melo (2009), com a consolidação deste esporte, outro começou a ganhar espaço no Brasil, o remo. Este esporte surge ligado às modificações socioculturais da sociedade, com o alinhamento das praticas urbanas como ir para a praia, valorização do corpo, saúde e lazer. “Nos últimos 25 anos do século XIX já era possível identificar que os banhos de mar passam também a ser encarados como exercícios físicos relacionados à melhoria do padrão estético corpóreo.” (MELO, 2009, p. 57)

Assim, em 1867, foi criado o primeiro Clube de Regatas, mas não durou muito tempo e em 1874, foi fundado o Club Guanabareense com sua primeira competição no ano de 1876. Em Porto Alegre, no ano de 1894, foi criada a primeira federação esportiva, o Comitê de Regatas. A Federação Brasileira de Sociedades de Remo, foi instituída em 1902, no Rio de Janeiro. Assim, anos depois seus dirigentes aproveitaram a virada de século para tornar o remo um esporte moderno, tornando-o uma prática respeitadíssima tanto pelas classes populares como pelas elites da época. A popularidade do remo foi o impulso para o surgimento de novas modalidades como a natação, hipismo, canoagem, nado sincronizado, entre outros.

A federação ainda passou a representar a natação, o polo aquático e o salto ornamental. A entidade foi no Brasil, sem dúvida, a primeira iniciativa mais bem estruturada da ideia de uma organização de clubes; foi bastante poderosa e teve influência clara no processo de organização de instituições similares. Esteve envolvida com a criação do Comitê Olímpico Brasileiro, e sua experiencia foi fundamental na fundação da Federação Brasileira de Esportes, renomeada, em 1914, para Confederação Brasileira de Desportos. (MELO, 2009, p. 62)

O abalo na popularidade do remo, surgiu quando o futebol começou a ganhar a força. É imprescindível destacar a importância do remo, como uma possibilidade contra-hegemônica de uma nova prática cultural e libertadora para as mulheres, pois na época a quase totalidade das mulheres só eram vistas e bem vistas em âmbito doméstico, hegemônico, mas isto será abordado mais à frente.

Conforme os anos foram passando, os esportes e as tecnologias desenvolveram-se e se disseminaram. O jornal, rádio e televisão foram importantes mídias desenvolvidas que, com a globalização e a criação da internet, impulsionaram o desenvolvimento da sociedade mundial em todas as dimensões, no âmbito político, social, esportivo, econômico e comunicacional.

A mídia tornou-se uma poderosa ferramenta de influência nas práticas culturais e o esporte inscreve-se como uma prática cultural fundamental. Parte-se do pressuposto que, as competições esportivas, em sua essência são excludentes, pois seguem rigorosos critérios, estipulados seja por gênero ou por tipo físico.

A mídia esportiva hegemônica transmite aos telespectadores uma imagem de que as atividades físicas educam e são saudáveis, vendendo um ideal de que sem a prática esportiva, não se vive bem. Mas não se pode esquecer que ideias políticas, econômicas e sociais também estão por traz desta mídia esportiva hegemônica. Importante mencionar aqui, a indústria de bem simbólicos esportivos que movimenta milhões de reais por ano, principalmente quando se fala em futebol, o esporte mais contemplado na mídia.

Aqui o foco encontra-se na mídia televisiva hegemônica em nossa cultura brasileira, mas não se exclui outras mídias, pois a televisão acaba por realizar o agendamento de outros meios de comunicação como jornais e rádios e vice-versa. A hegemonia do futebol na televisão aberta não se difere muito dos canais fechados, a diferença é que na televisão por assinatura há mais opções de esportes e gêneros televisivos, mas, mesmo assim, nossa atenção recai sobre a televisão aberta em que está inserido o objeto de análise deste estudo.

Os programas de esporte não só contemplam os jogos de futebol, como também seus bastidores, quadros com foco nos jogadores, pré e pós-jogo, além dos campeonatos futebolísticos. Estes aspectos reforçam a hegemonia do futebol e a masculinização do esporte. Raramente se vê o que o objeto de análise deste trabalho propõe, um programa

dedicado a mulheres e em sua totalidade a práticas esportivas contra-hegemônicas, ou seja, que não contemple somente o futebol.

A mídia esportiva ainda disponibiliza pouco espaço para o esporte feminino, tratando-o como menos importante. Não há consciência de que o esporte feminino vende e tem espectadores, constituindo-se uma via de desenvolvimento e incentivo para as mulheres se envolverem com a prática esportiva. O problema é mais amplo do que a simples desigualdade na cobertura da mídia em relação aos esportes femininos, pois isto tem reflexos desastrosos no fortalecimento das barreiras para a participação das mulheres no esporte. (DEVIDE, 2005, p. 70)

E diante deste aspecto, vemos como positiva a exibição desta série em canal aberto. Destacamos principalmente, os primeiros três episódios, que retratou o cotidiano de verdadeiras atletas de ponta, “no Brasil, como em outros países, as mulheres esportistas continuam a serem pouco retratadas pela mídia, apesar do crescente número de mulheres competindo e sendo bem-sucedidas no esporte.” (SOUZA, 2017, p. 44)

Em uma pesquisa realizada com a cobertura da Folha de São Paulo sobre esportes por meio de uma análise do número de reportagens, percebemos que ainda a mídia continua tentando desmerecer as mulheres, como mostrado nos subcapítulos acima.

No entanto, o que esta pesquisa vem revelar é que a imprensa, um dos pilares básicos do esporte de rendimento na atualidade, trata os sexos de forma absolutamente desigual. E os números auferidos demonstram: a mulher é ‘invisível’ em se tratando da cobertura esportiva jornalística no Brasil (SOUZA, 2017, p. 44)

Compreende-se que a mídia se apropria de elementos culturais para retirar a atenção do povo dos problemas sociais. Com isso, o esporte e principalmente do futebol, serve como “um modo de desviar a atenção do povo brasileiro para outros problemas mais básicos” DaMatta (1982, p. 22). Entretanto, não se pode dizer que tudo o que a mídia faz é esconder os problemas sociais e econômicos da sociedade, ela também tem papel fundamental de mostrá-los, afinal, a comunicação também é um bem público.

A mídia ou meios de comunicação de massa são grandes detentores do poder de influência cultural por estarem bastante presentes nas práticas culturais do Brasil. A TV é uma mídia tradicional, sendo ainda considerada, para muitos, como um instrumento comunicacional de maior credibilidade, em que as informações passadas são, na maioria das vezes, bem aceitas. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015, a TV aberta está em 95% das residências brasileiras<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Informações retiradas da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.

Sua programação está composta de diversos gêneros e formatos televisivos, através dos quais produz seu texto televisivo, no qual segue-se os preceitos básicos das leis brasileiras. Conforme o Artigo 221 de 12 de julho de 2016 da Constituição Federal Brasileira, as emissoras de televisão e rádio devem seguir os seguintes princípios:

- I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA, Artigo 221, Título VIII, Capítulo V, de 12/07/2016)

A maior rede de emissoras no Brasil é a Rede Globo, pertencente ao Grupo Globo, que tem por objetivo, segundo ela mesma, proporcionar um ambiente em que todos os telespectadores encontram diversão, informação e ferramentas importantes para uma sociedade que deseja felicidade<sup>4</sup>. No ano de 1917, foi fundada por Irineu Marinho a produtora de cinematografia Veritas Film. Em 1965 Roberto Marinho inaugurou a TV Globo no Rio de Janeiro.

No ano seguinte, em 1966, é inaugurada a empresa em São Paulo, mas somente no ano de 1975 que a emissora se consolidou em nível nacional<sup>5</sup>. O Projac (Central Globo de Produção) foi inaugurado em 1995 e é estimado como maior conjunto de produção audiovisual na América Latina. Atualmente, a TV Globo está presente em mais de cem países através da Globo Internacional e em todo território nacional através das cinco emissoras próprias e das afiliadas. O sinal digital foi inaugurado junto a sua nova sede no ano de 1999.

Após este rápido panorama da TV Globo, podemos ter ideia da sua hegemonia no Brasil, não esquecendo que aqui a hegemonia é compreendida como um processo social ativo que expressa uma diligência de classe e poderes dentro de uma cultura. Desta forma, entende-se que a televisão serve como instrumento de disseminação e atualização de uma cultura. Neste sentido, percebe-se na mídia esportiva elementos que reforçam a hegemonia masculina, mesmo analisando aqui um objeto que vai na contramão dessas forças hegemônicas que são estabelecidas na cultura vivida.

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do site oficial do Grupo Globo. Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/>

<sup>5</sup> Informações retiradas do site oficial do Grupo Globo. Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/>

## 2.2 Identidade feminina e mídia esportiva brasileira

A comunicação midiática é portadora do poder de formação e transformação de identidades e, como tal, interfere diretamente na conduta dos indivíduos, conforme a dinâmica das interações realizadas entre sujeito e objeto, articuladas no âmbito do meio comunicacional. O conhecimento das identidades veiculadas pela mídia é de fundamental importância, tendo em vista que nos possibilita ter acesso a um conjunto de sentidos e significados que servem de referência para os indivíduos e grupos no seu processo de apreensão da realidade e nas suas práticas sociais.

Partindo destes pressupostos, dá-se a importância da análise das identidades nos discursos da mídia esportiva, para a formação das identidades da mulher encontradas na série analisada. Antes de entender estas identidades femininas na mídia esportiva, no tópico de análise cultural-midiática, torna-se necessário entender o contexto sociocultural e histórico da mulher no meio esportivo.

Ao se debruçar sobre a participação da mulher no esporte desde seu surgimento, surge diversas possíveis e elucidativas histórias e datas que corroboram na compreensão do contexto atual. Contudo, torna-se necessário antes esboçar que a participação feminina no esporte foi uma conquista difícil, visto que havia uma predominância masculina advinda de muitos séculos atrás, em que os espaços para as mulheres, inicialmente, eram apenas nas arquibancadas, como espectadoras. Através de um olhar sobre a história dos Jogos Olímpicos, percebe-se a dificuldade de inserção da mulher nas competições:

Quando em 1900 os Jogos Olímpicos foram realizados em uma Paris marcada pela luta das mulheres pelo direito ao voto e ao trabalho, não houve como resistir às pressões sociais, e admitiu-se então, pela primeira vez, as mulheres em algumas modalidades esportivas. Essa aceitação, no entanto, fez parte de um jogo de interesses, que se por um lado facilitou a inclusão das mulheres no cenário esportivo competitivo, por outro demonstrou que essa luta estava longe de ser dada como ganha. A escolha pelas modalidades competitivas cabia majoritariamente masculino e o restrito de decisão, que por meio de diferentes maneiras dificultou a participação feminina irrestrita nas competições olímpicas. (RÚBIO, 2011, p. 86)

Atitudes como estas com as diversas restrições para as mulheres competirem, o esporte foi visto ou ainda é como espaço masculino, em que a mulher é vista como invasora. Durante muitos anos as mulheres lutaram contra argumentos que tentavam provar que somente os homens estavam preparados para competir e, quando as mulheres provavam ter condições para competir, eram caracterizadas com aspectos naturalizados como masculinos, como se somente o masculino fosse legítimo.

Diante disto, percebe-se que a história da mulher no esporte em todo o mundo é complexa e envolve diversos aspectos nas relações de gênero que refletem na cultura. Na história do esporte no Brasil, a luta por reconhecimento feminino no âmbito esportivo não é diferente.

A participação de mulheres no esporte brasileiro, começa quase junto ao início das práticas esportivas no país. Já na inauguração do Club de Corridas Paulistano, Maria Domitila de Aguiar Castro, neta da Marquesa de Santos, chocou a sociedade ao tirar terceiro lugar na primeira competição do clube. Ela não só chocou pela participação, mas também pela colocação, por ser mulher, a primeira a competir com homens no Brasil. (MELO, 2009, p. 57)

Segundo Devide (2017), em 1919, Blanche Pironnet, foi a primeira mulher a participar das provas de natação no Brasil e a cada conquista, a mídia relata, mas nem sempre com um olhar positivo para a atleta.

Os jornais não debatem as diferenças físicas “naturais” entre os homens e as mulheres, que serviam de meio para que elas, “frágeis”, fossem excluídas de algumas práticas esportivas. Blanche desconstruía argumentos biologicistas, calando aqueles que por inúmeras vezes assumiam o discurso que repreendia a participação feminina em competições esportivas. (DEVIDE, 2017, p. 678)

Segundo Devide (2017), a nadadora, era de origem Belga, veio morar no Brasil com a família pelo fato do pai trabalhar como chefe de tecelões, em São Paulo. Durante os finais de semana, ela ia até a praia Vermelha e nadava acompanhada do pai e de amigos. A atleta, nadava no canal formado por um desvio do rio Tietê. Quando treinava, seu pai ficava na margem a esperando para cobri-la com um roupão, pois na época havia muita resistência da sociedade perante as mulheres que não podiam usar trajes de banho em público. Após muitas vitórias na natação, Blanche acabou parando de praticar o esporte para poder trabalhar.

A partir do século XX, com a globalização, a participação das mulheres em competições esportivas começa a ganhar mais visibilidade, segundo Goellner (2006). Esta participação e visibilidade foram e são processos muito lentos, que só aconteceram com as ações de movimentos de gênero que lutavam/lutam contra a hegemonia masculina da sociedade.

A representatividade brasileira em olimpíadas, segundo Goellner (2006), iniciou pós-guerra, em 1920, nas Olimpíadas Modernas na Antuérpia, mas nem sempre foi ativa. Nas

Olimpíadas de Amsterdã, em 1928, por exemplo, o país não participou por falta de investimento do governo e da própria Confederação Brasileira de Desportos, fundada no ano de 1914. Maria Lenks foi a primeira mulher sul-americana a competir em uma Olimpíada, a nadadora, com 17 anos na época, realizou este feito no ano de 1932, nas Olimpíadas de Los Angeles.

Pensando especificamente na participação das mulheres no campo esportivo, muitas são as possíveis histórias a serem contadas bem como as datas elucidativas de importantes comemorações. Sobre esse tema, tornou-se lugar comum lembrar como referência primeira, a participação de Maria Lenk nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles. Sem desmerecer seu mérito e o significado deste feito histórico, vale registrar que, para além dela, muitas mulheres também trilharam caminhos que, de um modo ou de outro, contribuíram para a edificação do esporte nacional. Mulheres anônimas e desconhecidas, no entanto, não menos imprescindíveis. (GOELLNER, 2011, p. 05)

Segundo Goellner (2006), a brasileira deu o pontapé inicial para a participação de mulheres em eventos esportivos de ponta, onde até então só havia homens (e na maioria militares) representando o Brasil. Mesmo com este feito, as mulheres enfrentaram muitos preconceitos. Na época, mulher que praticasse algum esporte não era bem vista, pois para a sociedade machista a prática de esportes masculinizava as mulheres.

Lembramos aqui que a mulher na década de 1930 ainda era a dona de casa, a esposa que cuidava dos filhos enquanto o marido ia trabalhar para garantir o sustento. Vê-se muitos resquícios desta cultura machista na atualidade, pois as modificações em relação à mulher foram um processo lento e de muitas lutas por parte dos movimentos feministas. Estes movimentos encorajavam muitas mulheres a saírem de casa, trabalhar e cuidar da sua saúde através do estudo, da prática de esportes entre outros (GOELLNER, 2006).

O predomínio da lógica de dominação masculina no esporte, durante muitos séculos e várias décadas do século XX, invalidou a experiência atlética como uma busca feminina digna. Às mulheres cabia o espaço das arquibancadas, validando a condição de espectadoras do espetáculo viril. Apenas diante de um gesto político essa regra foi quebrada, no que se refere ao mundo olímpico. Quando em 1900 os Jogos Olímpicos foram realizados em uma Paris marcada pela luta das mulheres pelo direito ao voto e ao trabalho, não houve como resistir às pressões sociais, e admitiu-se então, pela primeira vez, as mulheres em algumas modalidades esportivas. (RUBIO, 2011, p. 86)

Em meio a resistências de uma cultura patriarcal, as mulheres conquistam o direito de participar de competições esportivas, passando de coadjuvantes para competidoras. E

com isso, inicialmente suas participações eram vistas como se elas estivessem tomando um lugar que era do homem, como se esporte pertencesse somente a eles e não fosse um lugar para todos, como deveria ser sempre (RUBIO, 2011).

Em 1939, Maria Lenk realiza mais dois feitos históricos batendo dois recordes, na modalidade nado peito de 200 metros e 400 metros. Nesta década, a Educação Física não era disciplina obrigatória nas escolas, mas a partir daqui, com a influência de médicos preocupados com o físico e a saúde das pessoas e com exemplo de Maria Lenk, a prática de esportes torna-se obrigatória nos colégios públicos brasileiros.

Para Goellner (2006), ainda que houvesse esta evolução, a mulher que praticasse algum esporte, cuidasse da sua beleza e corpo não era bem vista na sociedade, principalmente perante à igreja. Práticas culturais como esporte era algo raro, podemos ver isso até mesmo no caso da própria Maria Lenk, que só começou a praticar natação após diagnóstico grave de problema nos pulmões denominado pneumonia dupla.

Logo depois, no ano de 1941, foi apresentado ao Conselho Nacional de Desportos, pelo General Newton Cavalcanti, uma série de normas sobre as práticas esportivas femininas, normas que logo foram regulamentadas. Estas regras não autorizavam mulheres a praticarem ou competir em esportes considerados masculinos, como exemplo, as lutas, futebol e o pentatlo. Mesmo com a oficialização destas regras, muitas mulheres enfrentaram percalços e praticavam esportes considerados masculinos. Com o tempo, o número destas mulheres aumentava consideravelmente, o que acabou pressionando as instituições a criarem competições destinadas apenas a mulheres (GOELLNER, 2006).

Na década de 1950, já com a presença da televisão no Brasil, muitas destas mulheres que enfrentavam o conservadorismo da época, se destacavam em diversos esportes, tornando-se grandes atletas, exemplos de mulheres. Dentre elas, estavam Maria Esther Bueno do tênis, e Aida dos Santos do salto em altura. Estas atletas não tinham muito incentivo, Aida, por exemplo, ficou em 4º lugar no salto em altura na Olimpíada de Tóquio de 1964, sem sequer ter um técnico ou sapatilhas adequadas para o esporte.

Nos anos 1970, conforme Goellner (2006), esportes como vôlei, atletismo, basquete e natação começam a ganhar espaço, e a participação de mulheres nestes esportes foi aumentando. Conseqüentemente, cresceu também a representatividade feminina em olimpíadas, mas somente em 1996, em Atlanta, que as mulheres Sandra Pires e Jackie Silva do vôlei de praia de dupla ganharam ouro, sendo uma grande conquista para as



mulheres brasileiras na época. Ainda na mesma olimpíada, as mulheres conquistaram a prata no basquete e bronze no vôlei.

Nesta mesma época, segundo o supracitado autor, a participação de mulheres em esportes considerados masculinos por serem violentos aumenta, esportes estes como lutas, futebol e handebol. Em 1971, mais uma conquista para as mulheres, Lea Campos, primeira árbitra de futebol brasileira, finalmente recebeu seu diploma reconhecido pela *Federation Internationale de Football Association - FIFA* do curso de árbitros de futebol, realizado em 1967.

Por mais que o número de mulheres esportistas tenha aumentado significativamente, ainda é uma área de hegemonia masculina. Isto pode ser observado quando vamos a um jogo de futebol, por exemplo.

Vale destacar outro grande exemplo de mulher no esporte, a ginasta Daiane dos Santos, que chamou a atenção da mídia e tornou a ginástica reconhecida no país, por seus feitos nas diversas competições da ginástica artística. “Daiane significa a valorização de um esporte como a ginástica” (SANFELICE, 2010, p. 356). A ginasta ganhou várias medalhas durante sua carreira. Dentre suas conquistas está a sua nomeação em dois movimentos (o duplo *twist* carpado ou Dos Santos I, e o duplo *twist* esticado ou Dos Santos II) cujo atleta foi a primeira a realizá-los.

Culturalmente percebe-se que a ginástica artística não faz parte do rol de esportes preferidos das mídias, sendo reconfigurado até o surgimento de Daiane. Em relação a coberturas televisivas, um estudo realizado por Lisboa, Mezzaroba e Munarim (2009) revela que apenas 6,20% das matérias veiculadas no Jornal Nacional durante os Jogos Pan-americanos Rio 2007 retratavam a ginástica. (SANFELICE, 2010, p. 356)

Daiane dos Santos foi a primeira brasileira a ganhar medalha de ouro em uma edição do Campeonato Mundial de Anaheim, na Califórnia, onde executou pela primeira vez o duplo *twist* carpado ao som de *Brasileirinho*. Nos Jogos de Atenas, segundo Sanfelice (2010), competiu junto a primeira seleção brasileira completa a disputar uma olimpíada. Contudo, elas não ganharam ouro e ficaram na quinta colocação. As primeiras medalhas que Daiane conquistou foram de prata e bronze em 1999, no Pan-americano de *Winnipeg*.

Atualmente, a televisão e a internet são os principais elementos responsáveis por essas modificações e atualizações culturais. Assim, as diversas culturas são representadas e atualizadas por meio dos produtos desenvolvidos pelos meios midiáticos, que estão

presentes nas práticas sociais dos indivíduos. Com estas influencias midiáticas, que acabam de certa forma modificando as práticas culturais, tornam-se necessárias as discussões sobre a identidade da mulher e a construção de sua representação em produtos desenvolvidos pela mídia.

## CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresenta-se o corpus do trabalho com informações capturadas dos sites e aplicativos oficiais da emissora TV GLOBO. Desenvolveu-se a metodologia fundamentada nos Estudos Culturais, com o entendimento da análise textual de Casetti e Chio (1999) combinado com a cultura registrada de Williams (2003). As Estruturas de Sentimento de Raymond Williams (1979), servem aqui como operador analítico da cultura vivida de Williams (2003). O percurso metodológico segue um método próprio para dar conta dos objetivos da pesquisa.

### 3.1 *Corpus da pesquisa*

O Esporte Espetacular é um programa da TV Globo, que teve sua primeira exibição no ano de 1973<sup>6</sup>. O programa foi transmitido durante dez anos, sofreu uma pausa de 4 anos, e posteriormente reiniciou sua transmissão, em março de 1987 até os dias atuais.

Em seu início, o EE tinha seu foco em apresentar atrações norte-americanas, compradas da rede ABC. Com isso, o programa não contemplava esportes populares no Brasil, ainda assim, a emissora afirma que este aspecto foi positivo, pois a cultura brasileira se apropriou de elementos americanos em suas práticas esportivas.

Com linguagem bastante formal, o Esporte Espetacular teve em seu início a seguinte ficha técnica: Ciro José, Juarez Soares, Luciano do Valle, José Luiz Furtado, Léo Batista, Teti Alfonso, Myriam de Lamare, Waldir Mendes e Milton Collen sob direção de Moacyr Masson e coordenação de Fernando Villela.

A pausa de quatro anos do programa, se deu pelas instabilidades e principalmente pelo orçamento da década de 1970 ser ainda muito precário. As instabilidades eram em relação ao horário de transmissão, ao tempo de exibição e às condições de produção que ocorriam conforme outras produções da emissora. Apesar destes aspectos, os produtores do EE começaram a perceber a necessidade em produzir conteúdos que valorizassem as práticas esportivas brasileiras e iniciaram as mudanças na grade do programa.

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular/evolucao.htm>

Desta forma, na sua retomada, o programa voltou nas noites de domingo com sua grade direcionada a esportes nacionais, dando espaço aos esportes radicais brasileiros. Atualmente, com formato dinâmico, o Esporte Espetacular procura dar enfoque a esportes nacionais, mas não deixou de lado a produção de conteúdo esportivo internacional.

A série Mulheres Espetaculares, entra na grade do EE no ano de 2014 e está até hoje em exibição. Com o objetivo inicial de mostrar as histórias das atletas brasileiras de ponta, Juliana Sana busca retratar a difícil rotina destas mulheres espetaculares. Assim, a jornalista às acompanha, realizando fielmente o dia a dia esportivo destas atletas, durante até 15 dias<sup>7</sup>.

Juliana Sana, é uma jornalista gaúcha, experiente nesta área, pois já viajou o mundo para contar histórias de seus personagens desta forma, acompanhando-os o mais próximo possível. A jornalista, que é casada com o diretor desta série, o catalão Salvador Llobert, nunca foi substituída por nenhuma outra jornalista para apresentar a série. Vale notar que, a série tem na sua maioria produtoras mulheres, poucos homens aparecem na ficha técnica.

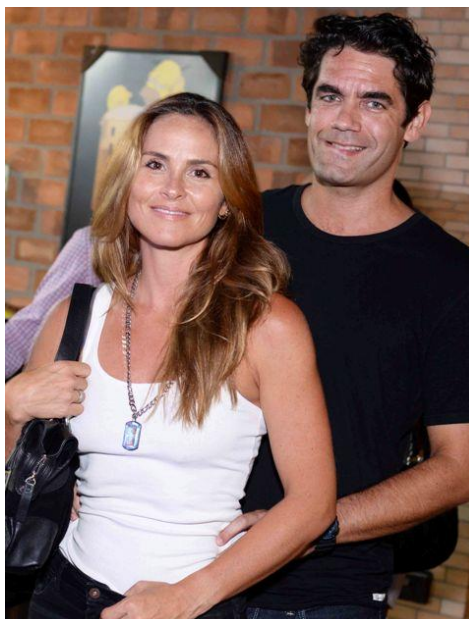


Figura 1: Juliana Sana e Salvador Llobert

Fonte: <http://www.agenciasupernova.com.br/2014/12/12/juliana-sana-e-a-mais-nova-agenciada-da-supernova/>

Com o decorrer da série notou-se modificações nas escolhas das protagonistas, passando de ex-atleta (Laís Souza) até se chegar a celebridades e nas práticas não

---

<sup>7</sup> Fonte: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2015/10/01/conheca-a-reporter-do-esporte-espetacular-que-mora-com-as-atletas/>

consideradas oficialmente esporte, como a Yoga, mas felizmente, manteve-se o foco na prática física com a jornalista frequentando a rotina pré-desafios. Perante ao questionamento<sup>8</sup> sobre essa mudança, Juliana Sana, respondeu que a essência da série está em desafiar fisicamente estas mulheres, que já mantem certas práticas esportivas. Para ela “O Brasil é um país dos esportes e aqui a maioria das mulheres práticas algo, inclusive as celebridades”, e a série serviria como espaço para estas mulheres demonstrarem suas práticas esportivas.

Na pesquisa exploratória realizada no site oficial do programa e no aplicativo oficial da emissora, foram encontrados 21 vídeos, sendo um deles de bastidores da produção da série, um episódio em duas diferentes plataformas online e 19 episódios da série em si, sem repetição. Da primeira temporada foram identificados 3 episódios, da segunda 5 episódios, da terceira mais 5 e da última temporada transmitida 6 episódios.

Nos últimos dois episódios da segunda temporada e todos os da terceira temporada, a produção escolheu apenas personagens olímpicos, acredita-se que tal escolha se deu pelo fato de ser os anos (2015 e 2016) que antecederam e aconteceram as Olimpíadas no Brasil. Também se destaca a última temporada, que aconteceu com celebridades da emissora, acredita-se que também foi uma tentativa de aproximação com o público de entretenimento da emissora. Seguem as tabelas síntese, produzidas com as informações encontradas sobre a série. Importante ressaltar que todos os episódios têm em torno de 12 e 20 minutos de duração:

**Tabela 1:** Informações Temporada 1: Mulheres Espetaculares

<b>EPISÓDIO</b>	<b>DATA</b>	<b>PERSONAGEM</b>	<b>ESPORTE</b>
01	14 de setembro de 2014	Bethe Pitbull Correia	Luta – UFC
02	26 de outubro de 2014	Maiara Basso	Motocross
03	30 de novembro de 2014	Terezinha Guilhermina	Velocista – Paralímpica

Fonte: elaboração própria

<sup>8</sup> Questionamento realizado com Juliana Sana, via e-mail.

**Tabela 2:** Informações Temporada 2: Mulheres Espetaculares – Personagens Olímpicos

<b>EPISÓDIO</b>	<b>DATA</b>	<b>PERSONAGEM</b>	<b>ESPORTE</b>
04	04 de janeiro de 2015	Isadora Williams	Patinadora
05	15 de janeiro de 2015	Bia Figueiredo	Automobilismo
06	05 de abril de 2015	Maya Gabeira	Surfista
07	28 de junho de 2015	Susana Schnarndorf	Nadadora Paralímpica
08	30 de agosto de 2015	Aline Silva	Luta Olímpica

Fonte: elaboração própria

**Tabela 3:** Informações Temporada 3: Mulheres Espetaculares

<b>EPISÓDIO</b>	<b>DATA</b>	<b>PERSONAGEM</b>	<b>ESPORTE</b>
09	03 de janeiro de 2016	Edna Santini	Rugby
10	24 de abril de 2016	Yane Marques	Pentatlo Moderno
11	17 de julho de 2016	Ana Marcela Cunha	Maratona aquática
12	28 de agosto de 2016	Jady Malavazzi	Ciclista Paralímpica
13	02 de dezembro de 2016	Laís Souza	Ginastica artística (ex ginasta)

Fonte: elaboração própria

**Tabela 4:** Informações Temporada 4: Mulheres Espetaculares – Celebidades

<b>EPISÓDIO</b>	<b>DATA</b>	<b>PERSONAGEM</b>	<b>ESPORTE</b>
14	22 de janeiro de 2017	Fernanda Lima	Yoga
15	19 de fevereiro de 2017	Nanda Costa	Caiaque oceânico

16	26 de março de 2017	Paolla Oliveira	Luta
17	30 de abril de 2017	Isis Valverde	Stand up padle
18	04 de junho de 2017	Priscila Fantin	Corrida de obstáculos
19	15 de outubro de 2017	Sheron Menezes	Natação

Fonte: elaboração própria

A partir das tabelas com as informações da série organizadas, assim como as decupagens realizadas dos episódios<sup>9</sup>, se fez necessário realizar uma análise destas informações antes de partir para a análise cultural-midiática de todos os episódios da série até então. Foram escolhidos todos os episódios pelo fato do número de visualizações disponíveis no Globo Play, serem muito pequenos em relação à dimensão do programa EE. Os episódios estão disponibilizados ou no site do programa Esporte Espetacular ou no aplicativo da emissora Globo Play.

### 3.2 Análise cultural-midiática, estruturas de sentimento e hegemonia

Como já dito, o objetivo do trabalho é analisar a identidade da mulher a partir dos sentidos produzidos com base na série Mulheres Espectaculares do programa Esporte Espetacular. Para se chegar ao resultado, se faz necessário escolher um método que melhor dê conta. Como afirmam Cervo e Bervian (2002), para alcançar um fim/resultado é necessário um método que defina uma ordem aos diferentes processos necessários.

Assim, utiliza-se a análise cultural-midiática para contemplar a interpretação da construção das representações das identidades femininas, a partir do que a série apresenta. Nela, compreende-se os elementos culturais atuais, os que surgem como (re)leituras das identidades apresentadas e os que, embora não atuais, estão atrelados ao passado e a história e, desta forma, contribuem para entendermos o contexto em que estas identidades da mulher são exploradas.

<sup>9</sup> Neste trabalho não se fez necessário anexar as decupagens realizadas, pois elas serviram apenas na análise exploratória, para escolha dos episódios que serão analisados.

A análise cultural-midiática dá conta da pesquisa da mídia por meio de aspectos teóricos-metodológicos da cultura compreendida pelos Estudos Culturais. Teórico dos EC basilar deste estudo Williams (1979), entende a cultura trazendo-a como categoria-chave, na qual é compreendida como um modo de vida, ou seja, a cultura implica num conjunto de práticas culturais que um mesmo grupo compartilha.

Dentro da análise cultural-midiática escolhida, destaca-se duas das três dimensões da cultura estabelecidas por Williams em "*La Larga Revolución*": a cultura vivida e a cultura registrada. As três dimensões da cultura determinadas por ele são: cultura social, cultura registrada e cultura vivida. A cultura social, que estabelece os modos individuais de vida, é expressa em uma cultura individual. Como cultura registrada encontram-se elementos que são/foram documentados, neste estudo, trata-se do próprio objeto, a série Mulheres Espetaculares. Cultura registrada em seu sentido real configura as marcas concretas que estabelecem a permanência de uma cultura específica.

Como cultura vivida entendem-se os acontecimentos culturais de um certo tempo e lugar nos quais apenas quem vive/viveu tem acesso. Na cultura vivida, estão as práticas culturais e os contextos históricos e socioculturais compartilhados pelos membros de uma certa cultura.

La cultura vivida no sólo se habrá reducido a algunos documentos selectos; em su forma minguada, se utilizará em parte como um aporte (inevitavelmente muy pequeno) al processo general de desarrollo humano; em parte para la reconstrucción histórica, y em parte, por fin, como um modo de saldar cuentas com nosotros, de designar y situar uma etapa determinada del pasado. (Williams, 2003, p.60)

A partir de uma primeira percepção da série para esse trabalho, visualizam-se elementos importantes que sugerem a aplicação da análise textual de Casetti e Chio (1999), como método de pesquisa compreendido dentro da cultura registrada de Williams (2003) e as Estruturas de Sentimento de Williams (1979) como operador analítico da cultura vivida de Williams (2003). Deste modo, as percepções quanto à identidade cultural e fundamentalmente de hegemonia nos Estudos Culturais são importantes, na medida em que, estabelece tensionamentos entre a cultura registrada e a vivida.

Para chegar a um resultado satisfatório, serão analisados todos os episódios de todos os quatro anos de exibição da série. Estes elementos foram denominados, concebidos dentro de dois eixos principais, a cultura registrada e a cultura vivida de Williams (2003). O tensionamento destes como eixos inter-relacionados, formam as representações



das identidades da mulher na série Mulheres Espetaculares. Após esta análise, buscamos tensionar os resultados com a definição de hegemonia de Williams (1979).

É por meio da cultura registrada que se estabelece a análise textual, que se pretende compreender essas “marcas” deixadas na produção. De acordo com Casetti e Chio (1999):

[...] los textos atribuyen regularmente una valoración a los objetos, a los comportamientos, a las situaciones, etc., y, a partir de ahí, les dan un <peso> diferente, según se juzguen de modo implícito o explícito. (...) un texto siempre reflexiona, en mayor o en menor medida, sobre sí mismo y las informaciones que ofrece se inscriben en el propio acto de ofrecerlas. (CASSETTI e CHIO, 1999, p.250)

De certa forma, essa valorização dos objetos, a intensificação dos comportamentos e situações aumentam exponencialmente quando os textos pertencem a um espaço midiático, ou seja, para analisar a mídia é necessário entender a amplitude e a importância que os textos desempenham. Além do significado do texto, ou seja, dos sistemas e elementos de significação que o texto aporta, para interpretá-los deve-se entender o meio no qual é veiculado, sua história e identificar os elementos fundantes, todos estes aspectos são compreendidos dentro da cultura vivida desenvolvida por Williams (2003).

Para dar conta da cultura registrada de Williams (2003), torna-se necessário compreender a proposta do mapa de leitura dos textos criada por Casetti e Chio (1999), assim o pesquisador entende os passos necessários a fim de contemplar não somente o texto em si, mas toda a construção de sentidos. Desta forma, pode-se elaborar uma série de categorias para agrupar os dados considerados relevantes à análise textual proposta.

Los instrumentos de análisis que se utilizan en el estudio de la televisión son muy numerosos y muy diferentes entre sí. Dichos instrumentos van de los cuestionarios para entrevistas, a las técnicas estadísticas del análisis multivariado; de los test de proyección de las investigaciones psicológicas a los esquemas de lectura del análisis textual, etc. Hemos intentado agruparlos en algunas <familias>, cada una de las cuales caracteriza por el tipo de *operación* que realiza el analista. (CASSETTI e CHIO, 1999, p.24)

Para entender como ocorre a produção dos sentidos do objeto na cultura vivida, propomos como operador analítico, a utilização das estruturas de sentimento de Williams (1979), como dito anteriormente. As estruturas de sentimento entendem que, as estruturas são como as práticas sociais e os hábitos humanos se coordenam com as formas de produção social, e assim produzem sentidos que desenvolvem a experiência vivida.

Desta forma, Williams (1979), organizou as estruturas em três categorias: residual, emergente e dominante. Como residual estão os elementos culturais construídos no passado e que ainda perpetuam nos dias atuais. “Por ‘residual’ quero dizer alguma coisa diferente do ‘arcaico’, embora na prática seja difícil, com frequência, distingui-los. Qualquer cultura inclui elementos disponíveis do seu passado, mas seu lugar no processo cultural contemporâneo é profundamente variável” (WILLIAMS, 1979, p.125).

Como dominante, estão os aspectos e práticas que são predominantes entre os indivíduos de certa cultura, elementos que um dia foram considerados como residual. Para Williams (1979, p.124) a “ênfase nos traços e características dominantes e definitivas é importante e, com frequência, na prática, efetiva”.

Entende-se como emergente, os elementos que se contrapõem como os aspectos dominantes, pois esses elementos, não se sabe ao certo se podem ser considerados como dominantes. “É verdade que na estrutura de qualquer sociedade real, e em especial em sua estrutura de classes, há sempre uma base social para elementos do processo cultural que são alternativos ou opostos aos elementos dominantes.” (WILLIAMS, 1979, p. 127).

Assim, inseridos na cultura registrada e vivida, respectivamente, a análise textual junto às estruturas de sentimento se tornam importantes na pesquisa, na medida em que é possível compreender melhor a construção das representações das identidades femininas em *Mulheres Espetaculares*. Os Estudos Culturais e suas concepções sobre cultura, representações e identidades são essenciais, principalmente para entender melhor os sentidos da mulher na série.

A partir do livro “Marxismo e Literatura” de Williams (1979), pode-se compreender conceitos importantes que podem servir para a análise cultural-midiática. Nesta interlocução que Williams (1979), faz com marxismo destaca-se, para a dissertação, o conceito de hegemonia para compreender como se dão as tensões sobre o que está entre a cultura registrada e a vivida.

Em uma definição inicial, Williams (1979) afirma que hegemonia está ligada ao poder, principalmente a poder político. Mas, para o autor, a hegemonia vai além disso, ela implica num processo em sua totalidade que ultrapassa o conceito de cultura, sendo concebida como “conjunto de práticas e expectativas sobre a vida”, na qual os “significados e valores são reafirmados” (WILLIAMS, 1979, p. 115).

### 3.3 Análise cultural-midiática: percurso metodológico desenvolvido

A análise cultural-midiática investiga e problematiza a (des)construção e atualização das identidades representadas, a partir da mídia com aporte nos Estudos Culturais. Nela, compreende-se como se dão as interrelações de práticas vividas e experimentadas como um todo, em um determinado contexto cultural e midiático.

Assim, o método escolhido foi a análise cultural-midiática formada pela apropriação individual de concepções culturalistas, consideradas como importantes para entender a construção da identidade da mulher na série. Primeiramente, realiza-se a pesquisa exploratória com a aplicação da análise textual de Casetti e Chio (1999) do objeto de pesquisa, concebida dentro da cultura registrada de Williams (2003). Posterior a isto, torna-se essencial perceber aspectos cruciais da cultura vivida de Williams (2003), com a aplicação das estruturas de sentimento de Raymond Williams (1979), que leva em consideração o contexto sociocultural em que vivemos.

Como pode-se verificar na ilustração a seguir, a cultura vivida e a registrada estão relacionadas, ou seja, aspectos do registrado estão inseridos dentro do que é vivido na cultura. Estes elementos, são convencionados conforme a hegemonia da cultura, como se nota no desenho.

Na cultura registrada, visualizam-se por meio da análise textual, as informações que permeiam o objeto e que são melhor percebidas a partir das subcategorias escolhidas: cenário, sujeitos e enredo. Com o conjunto de resultados das subcategorias, e com os aspectos socioculturais, políticos e econômicos vistos por meio das estruturas de sentimento, pode-se perceber os tensionamentos do que é hegemônico e contra-hegemônico na cultura. Com a defluência de todos estes elementos, é possível compreender os sentidos sobre o feminino na série, que permeia todas estas dimensões já citadas.

As categorias da análise textual escolhida são: Cenário, Sujeitos e Enredo, que segundo Casetti e Chio (1999) consistem em:

- **Cenário:** ambiente no qual a história é narrada, por meio da análise do ambiente é possível entender a construção de sentidos.
- **Sujeitos:** sujeitos que dão densidade ao tempo e à cena, cada sujeito desempenha uma função enunciativa no produto audiovisual.

- **Enredo:** neste trabalho, refere-se às características históricas e às falas das personagens.

Com estas análises terminadas, tensionam-se os elementos elencados com o conceito de hegemonia tratado em “Marxismo e Literatura” por Raymond Williams (1979). Este ponto é de suma importância, pois com ele definem-se melhor os resultados da análise já realizada das representações das identidades da mulher em *Mulheres Espetaculares*, percebendo os elementos culturais existentes entre a cultura registrada e a cultura vivida. Desta forma, foi elaborado um diagrama que demonstra o processo escolhido. As três etapas de análise foram denominadas como eixos que interrelacionados corroboram a identidade da mulher na série, conforme pode ser visto na Figura 2.

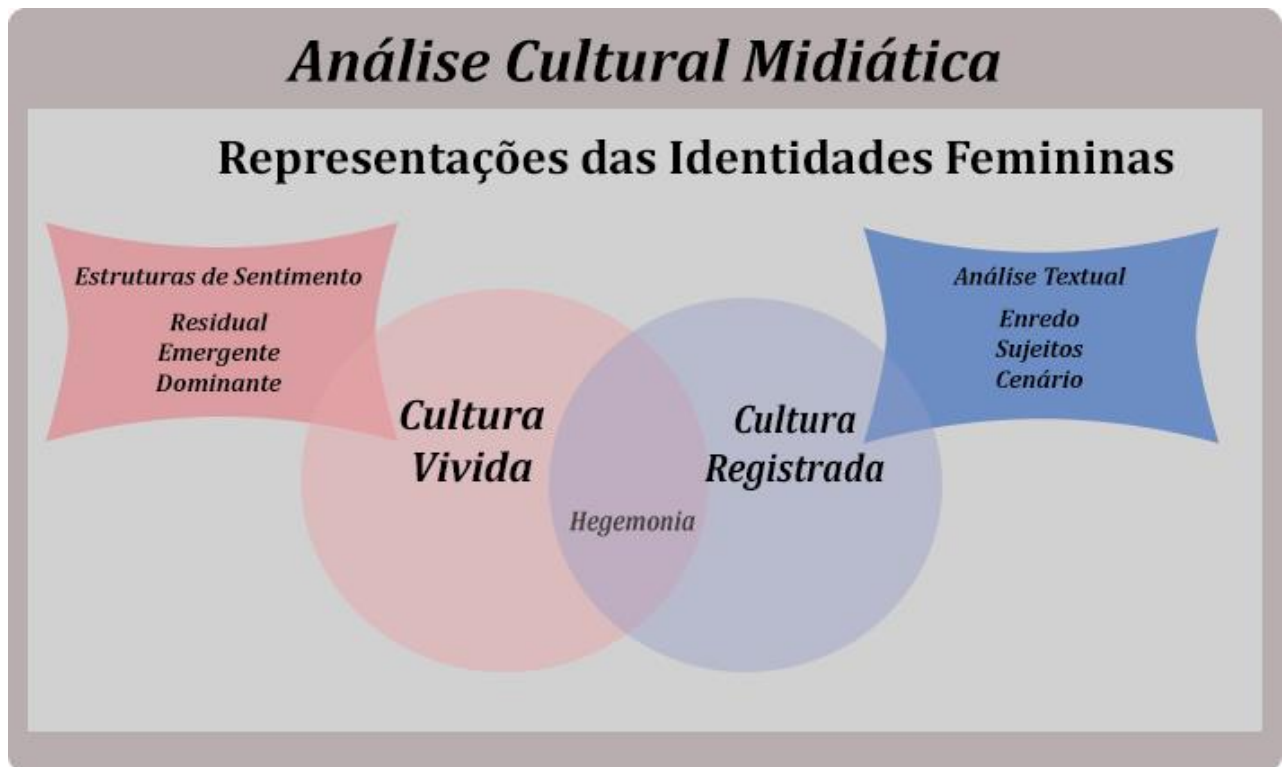


Figura 2: Ilustração da metodologia desenvolvida  
Fonte: elaboração própria

## CAPÍTULO IV – ANÁLISE CULTURAL-MIDIÁTICA

Este último capítulo está organizado, primeiramente, com a análise descritiva da metodologia que foi aplicada posteriormente com base no percurso metodológico desenvolvido fundamentado em Williams (2003) e Casetti e Chio (1999). Para finalizar, em “Sentidos sobre o feminino na série Mulheres Espetaculares do programa Esporte Espetacular”, estão resultados da análise com a resolução dos objetivos propostos.

### 4.1 Análise Descritiva

A partir deste momento, parte-se para a análise cultural-midiática por meio de percurso metodológico próprio. Foram escolhidos para análise todos os episódios da série Mulheres Espetaculares.

Assim, para fundamentar esta análise, na proposta metodológica há duas dimensões da cultura, a vivida e a registrada, que são essenciais e atuam como plano de fundo na pesquisa, para melhor compreender os sentidos e as representações das identidades da mulher na série. Para compreender os aspectos que envolvem a cultura registrada, ou seja, elementos pertinentes ao objeto do estudo, aplica-se a análise textual de Casetti e Chio (1999). As categorias que melhor se encaixaram para entender estes elementos são: cenário, sujeitos e enredo.

Na categoria cenário, ou seja, no ambiente em que acontece a narrativa, é possível identificar os elementos que permeiam a produção de sentidos. Em sujeitos, podemos apontar as funções enunciativas desejadas pela produção da série, pois cada sujeito da série tem uma função e por isso o comportamento de um sujeito se difere do outro. No enredo, terceira subcategoria, estão as formas em que os conteúdos são trabalhados pela produção em questão. Aqui o que interessa são histórias e como elas são contadas neste produto audiovisual.

Após a aplicação da análise textual, parte-se para o estudo dos episódios com base nas Estruturas de Sentimento: residual, emergente e dominante. Considera-se como dominante nas estruturas de sentimento os elementos que permanecem entre as pessoas em uma cultura. Aqui, os indivíduos identificam estes aspectos como práticas ativas e

presentes na cultura, aspectos estes que uma vez foram residuais e como residual estão as informações concebidas no passado e que ainda imperam na atualidade. Para finalizar, como emergente estão as novas concepções e práticas que se contrapõem com os elementos dominantes. Estas convenções emergentes são difíceis de identificá-las como pertencente à cultura dominante. Posterior às análises, o conceito de hegemonia de Williams (1979), tensiona-se com os resultados dos objetivos do estudo.

Dentro do contexto hegemônico em que vivemos, de uma cultura machista, na qual esporte ainda é muito masculinizado, a série apresenta-se como uma força contra-hegemônica. Além de contemplar apenas mulheres, “Mulheres Espetaculares” apresenta diversos esportes não populares e/ou hegemônicos.

#### **4.1.1 Cultura registrada: análise textual**

A análise textual neste estudo possui quatro categorias, são elas: enredo, cenário e sujeitos. Antes de iniciar com a investigação do primeiro episódio, vale ressaltar os aspectos -em comum de todos os episódios. Cada episódio da série tem em torno de 16 e 24 minutos e todos com a apresentação, direção e narração de Juliana Sana.

##### **Cenário**

Por meio da categoria cenário podemos perceber os aspectos que corroboram na construção dos sentidos, aqui encontram-se os elementos na qual a narrativa é contada. Nele são percebidos aspectos audiovisuais como os ambientes, planos, contextos e efeitos.

O episódio de estreia da série é o primeiro a ser analisado, ele foi exibido em 14 de setembro de 2014, com duração de 16 minutos. Juliana Sana apresenta a proposta da série no Esporte Espetacular, antes do episódio ir ao ar. A primeira protagonista escolhida foi a paraibana Bethe Correia ou Bethe PitBull Correia, lutadora de MMA na categoria peso-galo.

Não existe cenários fixos como sala de entrevista, centro de treinamento, isso se dá pelo fato da narradora/apresentadora ir até as protagonistas acompanhá-las em suas rotinas. A apresentadora Juliana Sana, acompanha fielmente a rotina da atleta, dormindo na casa dela e acompanhando em seus treinos na academia de luta, em que Bethe treina. Notamos a utilização de elementos que só costumamos ver na teledramaturgia, como no

início do episódio de estreia em que Bethe Correia, lutadora de MMA, corre na areia, como se estivesse em um deserto.



Figura 3: Captura de tela com Juliana e Bethe treinando.  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xppexuSGBwc>

Diferente de todos os outros episódios, vemos algumas trocas de cenas com planos que apelam para uma mulher conforme as convenções conservadoras, junto aos símbolos do esporte. Recursos como a cor rosa bem acentuada, junto a imagens de sapato, pneu, flores, luvas de luta entre outros se misturam na tentativa de identificar um programa, que mistura o esporte com a delicadeza de uma mulher dos moldes conservadores.

Nos demais episódios, estes elementos não apareceram, acreditamos que esta escolha não tenha dado somente por questões estéticas, mas pelo fato de que entre o segundo e terceiro episódio aumentarem significativamente as ações em prol da equidade de gênero, fazendo com que a mídia começasse a dar mais atenção para estas reivindicações. O programa apresenta um mesmo objetivo que as lutas de gênero, que é o de mostrar que as mulheres têm as mesmas condições físicas e emocionais para encarar diferentes papéis sociais. Assim, utilizar apenas cores rosas para representar as mulheres é fazer o caminho inverso a este objetivo. Mas, a partir do segundo episódio até layout da abertura muda, para além do rosa.

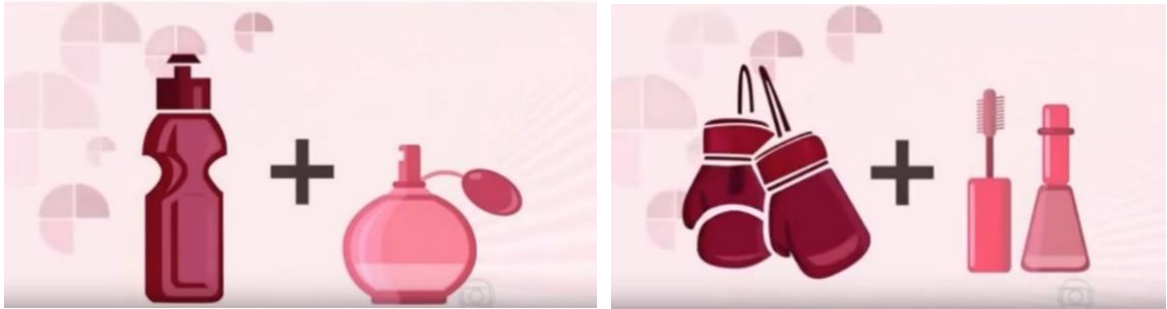


Figura 4 e 5: Plano com figuras nos moldes femininos conservadores.  
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xppexuSGBwc>



Figura 6: Plano de abertura primeiro episódio.  
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xppexuSGBwc>  
 Figura 7: Plano de abertura dos demais episódios.  
 Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3722219/>

No segundo episódio com Maiara Basso, também se vê um elemento diferente de todos os outros episódios, a atleta, considerada de ponta, treina na pista que tem em sua casa. Maiara mora em Gentil, no interior do Rio Grande do Sul, e na propriedade tem uma pista só para a família treinar, já que não é somente ela a piloto da família, seus irmãos também são atletas desta modalidade. Apenas neste episódio vemos a logomarca de outro canal, acredita-se que o *Velocross News* tenha realizado parceria com a TV Globo, para a produção e transmissão deste episódio.





Figura 8: Captura de tela da família de Maiara Basso no episódio 02.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3722219/>

Terezinha Guilhermina é a terceira protagonista, a paraatleta olímpica velocista é deficiente visual e treina diariamente com seu instrutor Guilherme, no Estádio Regional Willie Davis, em Maringá – PR. Juliana Santa fica de olhos vendados até cumprir seu desafio de competir uma corrida amadora para paraatletas. Desta forma, cenário passa por diversas ambientações mostrando os percalços que um deficiente visual encontra, seja em casa ou fora. Também os ângulos e efeitos de luz e imagem mudam por este mesmo motivo.



Figura 9: Captura de tela da simulação de como um cego “enxerga”, no episódio 03.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3799985/>

Os cenários não são brasileiros neste quarto episódio, com a patinadora Isadora Williams, de 19 anos. A atleta mora nos Estados Unidos e a maior parte das ambientações, além da casa da patinadora, retratam o frio americano, principalmente, pela pista de gelo, onde Isadora treina todos os dias acompanhada por seus treinadores. O apelo a estética

brasileira acontece quando a mãe da atleta prepara um prato da culinária típica brasileira, o pão de queijo, e quando exhibe o uniforme oficial brasileiro, que muito pouco mostrado.



Figura 10: Captura de tela do momento em que uniforme brasileiro de patinação é mostrado.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3870976/>

Não muito diferente do episódio anterior, Juliana Sana acompanha a rotina de Maya Gabeira, no Havaí. Nas ambientações estão as quentes praias das ilhas Havaianas, assim como a casa de temporada onde Maya mora sozinha, e as imagens da atleta em um centro de reabilitação para atletas de ponta. A atleta nunca treina em um mesmo ambiente, como as demais esportistas mostradas na série, pois ela depende do clima e do mar para treinar o surfe de ondas gigantes.



Figura 11: Captura de tela do momento em que Juliana Sana chega na casa de Maya Gabeira.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4087606/>

De volta ao Brasil e com mais uma viagem internacional para a série no fim da quarta temporada, a jornalista Juliana encara a rotina de Bia Figueiredo no automobilismo. A pista de *Cart* e a academia são os ambientes principais do treino da atleta e da apresentadora. Os espaços de descanso da dupla são na casa de Bia. Além dos ambientes onde acontecem as entrevistas para falarem da atleta e do esporte, está a pista de *Stock Car* em Curitiba- PR que aparece como ambiente principal do episódio.



Figura 12: Captura de tela do instante em que Juliana Sana conversa na piscina com Bia Figueiredo  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3968723/>

Susana Schnarndorfn, foi a sexta mulher espetacular escolhida para a série. A nadadora paraatleta, tem uma doença degenerativa e muitas das ambiências giram em torno do tratamento que ela faz, seja na sua casa com planos que focam os remédios ou no médico realizando exames. A natação está associada à estabilização da sua doença, assim, os treinos na piscina são o cenário principal não só pela prática esportiva, mas também como cura.

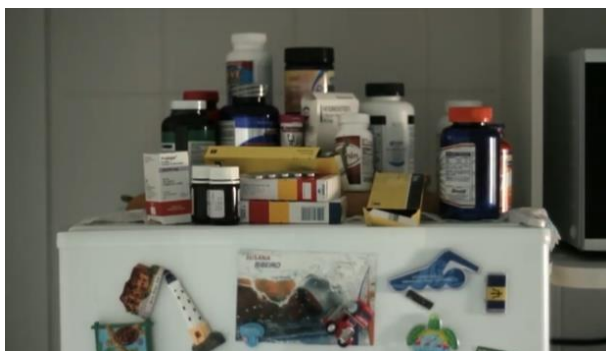


Figura 13: Captura de tela do instante no qual os remédios de Susana são mostrados.

Figura 14: Captura de tela do momento em que Susana nada, mesmo chovendo.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4284128/>

A luta olímpica é o sétimo esporte a ser escolhido para ser representado na série, pela vice-campeã mundial Aline Silva. O cenário que mais ganha destaque são os tatames, onde acontecem os treinos, no centro de treinamento da Confederação Brasileira de Lutas e na competição na qual conseguiu conquistar a vaga para a Olimpíada de 2016. Ainda teve ênfase no episódio o alojamento feminino da confederação, ambiente de descanso, união e relaxamento das atletas de ponta.



Figura 15: Captura de tela da luta de Juliana Sana.

Figura 16: Captura de tela do momento de descontração após os treinos.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4430910/>

A jogadora de Rúgbi, Edna Santini é uma das esportistas mais novas da série. Aqui estão bem demarcadas as ambiências, os planos do episódio giram mais em torno da academia na qual as atletas e Juliana se recuperam e os treinos, testes físicos e jogos no campo de Rúgbi. Ainda a casa humilde dos pais no interior de São Paulo, é mostrada associada ao sentimento de batalha de Edna até chegar a elite do esporte.



Figura 17: Captura de tela de Edna com sua mãe.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4713903/>



Yane Marques é a nona mulher espetacular da série, a sargento do exército é da elite do pentatlo moderno. Pelo esporte ter várias modalidades, as ambiências são diversas. Treinos são realizados em cenários naturais como parque, hípica e praia, e interno como no centro de treinamento do exército, demonstrando a rotina pesada desta prática esportiva. Ainda os momentos de bem-estar são em ambiências como a casa da atleta e na igreja.



Figura 18: Captura de tela de Juliana e Yane treinando corrida.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4978200/>

A maratona aquática é trazida pela atleta de ponta Ana Marcela Cunha, no décimo episódio. A rotina pesada de praticamente duas ambiências é mostrada na série, para demonstrar o foco de uma atleta de ponta, que já perdeu uma vaga em olimpíada. Estas duas ambiências são a *Care Club SP* (Clínica de Medicina do Esporte) e a casa de Ana. Momentos de lazer para a atleta apareceram em ambientes como o mar, dando aula para Juliana e em uma sorveteria.



Figura 19: Captura de tela de Juliana e Ana Marcela na piscina treinando.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5170150/>

Jady Malavazzi é a paraatleta de ciclismo paralímpico, do décimo primeiro episódio. Dentre as múltiplas ambiências que aparecem, os treinos nas ruas de Brasília levam destaque pelos altos riscos em treinar em meio ao trânsito perigoso. Os demais cenários mostram a independência da atleta em casa fazendo as tarefas domésticas diárias e fora como ir ao mercado, shopping e dirigindo seu próprio carro adaptado.



Figura 20: Captura de tela de Juliana e Jady no mercado.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5266342/>

A última personagem da quarta temporada, é a ex-ginasta Laís Souza. Em plena ascensão, com bastante visibilidade na mídia e ganhadora de diversas medalhas no Brasil, a ex-atleta sofreu um acidente que acabou a deixando tetraplégica. Por ser tão conhecida, Laís foi escolhida como mulher espetacular e mostrou sua rotina tentando superar o

acidente e aceitou o desafio de correr com Juliana uma corrida, onde a apresentadora a levou em um triciclo adaptado. Desta forma, os ambientes como o apartamento e o centro de reabilitação são os pilares do episódio, mas também aparecem o parque onde elas treinam, restaurante e o shopping onde ela deu uma palestra. Assim como, no episódio de Guilhermina, há apelo a recursos como efeitos e angulações diferentes dos padrões visuais, na tentativa de mostrar como a ex-atleta está enxergando a realidade.



Figura 21: Captura de tela de Juliana e Laís treinando corrida.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5535619/>

No primeiro episódio da quarta temporada, o foco passa de atletas para as celebridades globais, enfrentando desafios esportivos. Juliana desafia a atriz Priscila Fantin a encarar a prova *Bravos* na categoria elite. Assim, os ambientes passam a ser uma academia de *Crossfit* e praia, onde realizam os treinos pesados diários. E a casa de Priscila aparece como um cenário de descanso.



Figura 22: Captura de tela de Priscila e Juliana no mar treinando.  
 Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5916524/>

A atriz Nanda Costa é a próxima desafiada a realizar uma travessia de caiaque e trilha até topo de uma montanha, na sua cidade natal Parati – RJ. A semana passa com cenário de muita chuva e treino nos mares da cidade. Diferente das outras personagens, aqui não tem como cenário a academia, todo o treino é realizado no mar. Outros cenários importantes que aparecem é na loja da avó e no barco, onde a atriz conta sua história de superação até chegar a fama como atriz.



Figura 23: Captura de tela de Nanda e Juliana treinando.  
 Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5665629/>

O *Stand up padle* é o esporte escolhido para desafiar a atriz Isis Valverde, em uma competição amadora no mar de Copacabana-RJ. Para um cenário especial, a produção



alugou uma locação em Búzios- RJ, onde a jornalista e a atriz ficaram treinando durante uma semana no mar calmo da cidade, até competirem.



Figura 24: Captura de tela de Isis e Juliana treinando no mar.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5836796/>

A atriz Paolla Oliveira é a décima sexta a ser desafiada por Juliana Sana, em uma luta. A maior arte do episódio passasse dentro de um ambiente de academia, com muito treino de Jiu-jitsu para a luta entre as globais. O outro ambiente que é exibido é a casa de Paolla, onde há momentos de descontração e de entrevista sobre a luta como esporte.



Figura 25: Captura de tela de Paolla e Juliana conversando na casa da atriz.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5754070/>

A apresentadora e atriz Fernanda Lima vai para a Índia com Juliana Sana, desafiadas a fazer a segunda e primeira série de exercícios, respectivamente. Os ambientes mostrados são de muita meditação e silêncio, seja dentro da sala de aula, na

escola de *ashtanga* ou fora em ambientes externos da cidade indiana. O descanso as atividades realizadas durante o dia são em um cenário de hotel indiano de luxo.



Figura 26: Captura de tela de Fernanda treinando com Daniela, sua professora e Juliana filmando.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5594256/>

O último episódio é um desafio em alto mar com a atriz Sheron Menezes. Os treinamentos para o desafio aconteceram em ambiente calmo de um clube de natação no Rio de Janeiro. O cenário do desafio é a ilha de Fernando de Noronha, as atriz e apresentadora, tiveram que atravessar de uma praia a outra nadando.



Figura 27: Captura de tela de Sheron e Juliana na praia.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6219248/>

### Sujeitos

Conforme Casetti e Chio (1999), os sujeitos são essenciais na medida em que dão densidade à narrativa, pois cada sujeito possui uma função enunciativa na série. Desta

forma, os sujeitos foram divididos em três categorias: sujeitos destaques, sujeitos de apoio e sujeitos excepcionais. Concebe-se como sujeitos destaques aqueles que estão sempre presentes, são os protagonistas das narrativas, aqui representados pela apresentadora Juliana Sana e a atriz ou atleta de ponta que a jornalista acompanha a rotina. Como sujeitos de apoio estão os familiares e treinadores, que exercem a função de ajudar a contar mais sobre a história e a rotina da protagonista, quando ganham poder de fala. E como sujeitos excepcionais estão os médicos, fisioterapeutas e atletas referências no esporte que está sendo representado que, quando recebem voz na narrativa, têm função de explicar mais sobre o esporte ou a atleta.

No episódio de Ana Marcela e Laís Souza os sujeitos de apoio vão além de suas funções de falar mais sobre a rotina e história da atleta, são familiares que empresariam as protagonistas. Diferente dos pais de Ana que falam mais sobre o trabalho com a atleta, o irmão de Laís não ganha voz na narrativa, mas imagens dele trabalhando são exibidas.

Já no episódio voltado para a patinadora Isadora Williams, os sujeitos de apoio mostrados são a mãe, o pai e a irmã, mas somente a mãe ganha voz, pois é a única que fala português da família. As narrativas dos treinadores e da maior parte da fala de Isadora dubladas.

Bia Figueiredo e Maya Gabeira, tem seus sujeitos de apoio, sendo entrevistados em cenários diferentes. O pai de Bia é entrevistado sobre a filha em seu consultório, onde atua como médico psiquiatra e a mãe de Maya em sua casa no Brasil, já que a atleta e Juliana estavam no Havaí.

Excepcionalmente, no episódio de Bia Figueiredo e Maya são mostrados outros atletas consagrados no mundo automobilístico. Rubens Barrichello e Emerson Fittipaldi, ganham voz ao explicar mais sobre o automobilismo. Os sujeitos excepcionais aparecem nos episódios de Laís Souza e Susana Schnardorf, os médicos relatam as dificuldades da doença de Suzana e deficiência de Laís, assim como suas rotinas médicas.

Nos episódios de Paolla Oliveira, Isis Valverde, Fernanda Lima, Priscila Fantin e Sheron Menezes não há participação de personagens secundários como nos demais. Aqui somente os sujeitos de destaque e apoio aparecem e ganham o poder de fala, sendo as atrizes, treinadores e Juliana Sana.

## Enredo

O enredo implica nos modos como os conteúdos da série são abordados pela sua produção. Aqui o que interessa são histórias e como elas são contadas neste produto audiovisual. O cenário junto com a forma como a história da atleta é narrada, já no primeiro episódio, percebe-se que o objetivo da produção é dramatizar, heroificar e principalmente, masculinizar as atletas da série.

Em um trecho específico do enredo, Juliana Sana demonstra um dos objetivos deste episódio da série: “Essa lutadora, tem um passado que poucos conhecem. A minha ideia é conviver com ela e descobrir porque essa garota entrou para o mundo da luta”. Claramente vê-se aqui uma posição masculinizada do esporte e da mulher, como se o feminino não pudesse escolher e estar presente neste esporte. A história do passado de Bethe é altamente valorizada, como se o objetivo da série, que é retratar a rotina da esportista, não fosse mais importante, isto é, o essencial a partir desta narrativa passa a ser a história antiga da lutadora.



Figura 28 e 29: Captura de tela de imagens de Bethe Correia no episódio 01.  
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xppexuSGBwc>

O enredo do segundo episódio inicia com a narração de Juliana Sana sobre Maiara Basso, seu histórico familiar ligado ao esporte, mostrando que não é somente Maiara a atleta da família, mas que seus irmãos também são competidores de motocross. São mostradas as medalhas que a família ganhou nas diversas competições. Juliana Sana fica uma semana na casa da atleta, e tem como desafio competir em um campeonato em outra cidade, na categoria de esportistas amadores, já Maiara compete no mesmo campeonato nas categorias profissionais feminina e masculina.



Figura 30: Captura de tela com Juliana Sana e Maiara Basso conversando durante o episódio.

Figura 31: Captura de tela de Maiara Basso durante o episódio 02.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3722219/>

Durante o percorrer do episódio, fotos de recordações de competições antigas da família são mostradas, assim como relato da dificuldade financeira em se manter como esportista. Advinda de uma família de agricultores que mora em Gentil, interior do Rio Grande do Sul, Maiara é caracterizada como a “guria do interior” ou “gringa” que “trabalha no campo, na produção de soja” e, após uma semana de treino, a atleta de ponta compete ficando em 2º lugar na categoria feminina e em 4º na categoria masculina, sendo a única participante mulher. Juliana Sana termina seu desafio em último lugar.

No episódio voltado para a Terezinha Guilhermina, Juliana Sana ficou uma semana com a atleta tentando viver fielmente a sua rotina, com os olhos vendados, sentindo as mesmas dificuldades da paraatleta de ponta. De família muito humilde, sendo o pai faxineiro e a mãe empregada doméstica, a técnica em administração ganhou seu primeiro tênis de uma de suas irmãs para uma competição de corrida de rua, na qual ficou na segunda colocação. Após muitos estranhamentos e dificuldades, Juliana cumpre o desafio e fica em último lugar, na competição de 100 metros rasos de corrida para amadores e primeiro lugar para Terezinha, na categoria profissional, mas não consegue bater seu próprio recorde.





Figura 32: Captura de tela Juliana Sana e Terezinha Guilhermina conversando durante o episódio.

Figura 33: Captura de tela Terezinha Guilhermina durante o episódio 03.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3799985/>

A patinadora Isadora Williams, que tem dupla nacionalidade, brasileira (mãe) e americana (pai), mora nos EUA e após muitas decepções em competições como americana, decide competir representando o Brasil, já que o país não tinha nenhuma representante na patinação no gelo. A mãe da atleta relata sua história no esporte, e em 10 dias, Isadora tem campeonato na Letônia, mas só poderá participar se estiver pronta, se seus técnicos russos deixarem.



Figura 34: captura de tela com Isadora Williams no início do episódio.

Figura 35: Captura de tela com Juliana Sana e Isadora Williams conversando.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3870976/>

Juliana neste episódio tem, como desafio conseguir fazer uma coreografia, mas se machuca e não consegue e teve que voltar para o Brasil. O desafio da atleta era ir para o campeonato na Letônia, com muita persistência, ela consegue, mas tira 6º lugar de 24

competidores no campeonato. Há também ênfase nas nuances de uma adolescente apaixonada, justificando suas falhas no esporte.

Juliana inicia apresentando Maya Gabeira, sua história de como chegou na elite do surf de ondas gigantes. Imagens de seus acidentes na água, sua quase morte e a fama são mostradas. O desafio de Maya é tentar voltar a surfar ondas grandes do Havaí, após 5 meses fora do mar por lesões e cirurgias na coluna. Após 30 horas de viagem, as duas chegam na casa de Maya no Havaí e começam a rotina de treinos, acordando cedo e procurando o melhor lugar para surfar.



Figura 36: Captura de tela com Juliana cumprindo seu desafio de surfar uma onda.

Figura 37: Captura de tela do episódio com Maya Gabeira surfando.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4087606/>

Durante as conversas, Maya relata a rotina de nunca estar cem por cento com o corpo para encarar as ondas, Juliana sente isto na pele, pois fica muito nervosa e doente, mas continua trabalhando. Neste episódio vemos um coadjuvante, Carlos Burle, surfista brasileiro renomado, que já esteve no Guinness Book por surfar maior onda do mundo, Ele quem salvou a vida de Maya e a acompanha em muitos momentos no surfe.



Figura 38: Captura de tela do episódio com Maya Gabeira e Carlos Burle conversando.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4087606/>

Com 10 dias de treino, Juliana Sana encara seu desafio de surfar uma onda grande e cumpre com dificuldade. Maya um dia após decide voltar ao mar, e consegue surfar uma onda gigante, mantendo seu título de maior onda surfada por uma mulher no mundo.

O sexto episódio começa com imagens de um dos diversos acidentes automobilísticos com perdas fatais e de contraponto, Bia Figueiredo ligando seu carro oficial de corrida. Bia, que tem apenas um ano oficialmente nesse esporte, já é considerada como atleta de ponta, pois é a única mulher a competir nesta modalidade. Ela conta que enfrenta muitos preconceitos por este motivo. Juliana Sana chega com o desafio de competir uma corrida de *Cart*, já que os carros oficiais são usados apenas nas competições.



Figura 39: Captura de tela do episódio com Bia Figueiredo aguardando para competir.  
Figura 40: Captura de tela do episódio com Juliana Sana e Bia Figueiredo conversando.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/3968723/>



A jornalista tem uma semana para completar o desafio de conseguir terminar uma corrida. Durante o episódio, apresenta-se a história de vida de Bia, as dificuldades financeiras mesmo tendo um pai psiquiatra e mãe dentista. A atleta que corre desde os 9 anos de idade, foi incentivada pelo avô e treinador e obrigada a virar empresaria aos 15 anos para poder continuar a bancar os custos deste esporte.

Durante os treinos difíceis, Juliana Sana leva uma bronca de um dos competidores e chora, aconselhada por Bia a não dar bola, ela termina a corrida e completando o desafio. A atleta Bia conta que teve que esconder seu namoro com outro piloto de Stock Car, até chegar na elite de competidores. Bia na competição que participa, neste episódio, sai em 25º posição, mas no meio da corrida, seu carro quebra e não consegue terminar a prova.

No episódio de Susana Schnarndorf a própria atleta inicia sua apresentação falando que é paraatleta, mas Juliana Sana quem continua relatando o passado de muitas vitórias de Susana como atleta de triatlo desde os 12 anos, com 13 participações em Aron Man. Os ápices são quando Susana fala de suas perdas e dificuldades por conta da doença degenerativa, da separação do marido, da distância dos filhos que a sete anos não moram mais com ela, da força que tem que ter todos os dias para praticar natação, pois sem praticar ela pode morrer, pois a doença progride.



Figura 41: Captura de tela do episódio com Susana e Juliana conversando no carro da atleta.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4284128/>

A atleta que por conta da doença não sente gosto e nem cheiro das coisas, tem o sonho de participar das Olimpíadas de 2016<sup>10</sup> e desafio de fazer uma travessia em mar aberto com Juliana Sana. A jornalista e atleta de ponta consegue cumprir o desafio da travessia de 2km da costa do Rio de Janeiro, com muitas barreiras como a correnteza e o cansaço, mas com muito foco.

O episódio inicia com a demonstração de treino de Aline Silva com seu treinador e marido Flavio e, posteriormente, a chegada de Juliana Sana sob sua narração. A jornalista fica uma semana treinando muito junto com as lutadoras brasileiras e tem desafio de lutar com uma delas, já Aline tem desafio de conseguir uma vaga olímpica na competição que acontece nos próximos dias.



Figura 42: Captura de tela do episódio com close em Aline Silva.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4430910/>

Aline, é maior que todas as outras competidoras e por isso treina sozinha e com um homem. Ela mora em São Paulo, mas treina no Rio de Janeiro no centro de treinamento da seleção brasileira. Juliana Sana cumpre seu desafio e luta com outra atleta, que ganha a luta. Também quando Aline conta sua história de vida, como alcoolismo aos 11 anos, revolta com o mundo, pois se sentia abandonada pelo pai, que largou a família quando ela era pequena. Sua mãe que trabalhava muito, para tentar ajudar sua filha consegue uma bolsa de estudos e Aline é apresentada ao esporte. O dia da competição de Aline chega e

---

<sup>10</sup> A atleta participou e ganhou medalha de prata nas Olimpíadas Rio 2016, na prova de 4x 50 metros livre.

ela consegue a vaga nas Olimpíadas de 2016 com a torcida de sua mãe, Juliana e seu marido.

A apresentação da Edna Santini é como a pequena jogadora no meio do campo que tem um potencial enorme de ser uma das melhores jogadoras do mundo. Após um acidente e 5 meses de reabilitação, a jogadora deverá provar que tem condições de voltar a ser uma atleta de ponta. A atleta apresenta o Rúgbi para Juliana Sana que tem como desafio jogar uma partida inteira. Elas ficam no alojamento da Confederação Brasileira com as demais jogadoras, treinando e nos momentos de lazer, se divertindo.



Figura 43: Captura de tela do episódio com Edna caindo no chão em pleno treino.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4713903/>

A rotina pesada é um dos pontos ápicos. O treinamento é considerado como treinamento “militar”, pois leva a resistência física ao limite. Juliana fica lesionada e não pode mais treinar, assim, ela começa a mostrando a história de Edna, que tem origem humilde. O grande ápice é quando Edna conta sua história, que não tem amigas por se dedicar ao esporte, com pai pedreiro e pintor, a sua mãe que era costureira, passa a ser também lavadeira dos uniformes das equipes para ajudar a filha a conquistar seu sonho.

A atleta de ponta ganha alta do médico e é autorizada a realizar o teste físico para tentar representar o Brasil nas Olimpíadas de 2016. Demonstrando muito esforço e dificuldade durante o teste, Edna consegue a vaga. Juliana se recupera e consegue cumprir o desafio de jogar um jogo de Rúgbi completo.

Yane Marques é apresentada após a história do seu esporte, o pentatlo moderno. A atleta é a única ganhadora de medalha olímpica nessa modalidade na América Latina,

tratada como a nordestina, pernambucana e heroína na sua cidade e no exército, onde é sargento.



Figura 44: Captura de tela do episódio com Juliana e Yane nadando.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/4978200/>

O desafio de Yane é passar no teste físico para ser titular nas olimpíadas de 2016, que aconteceu em uma competição com mais outras 4 competidoras, na qual Juliana também participou. Yane consegue a vaga em primeira colocação e Juliana cumpre o desafio em último lugar.

A apresentação de Ana Marcela Cunha acontece pela narração de Juliana Sana, que inicia contando a história de vida da atleta, desde quando começou no esporte com dois anos de idade, até se tornar uma das melhores nadadoras do mundo, sendo tri campeã mundial. Após perder a vaga nas Olimpíadas de Londres, mudou de cidade, clube e treinadores levando a família junto de Salvador para Santos.



Figura 45: Captura de tela do episódio com Juliana, Ana Marcela e sua mãe tomam café.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5170150/>

Como desafio Ana vai competir na Hungria, na última prova antes das olimpíadas de 2016 e Juliana Sana competir em uma maratona. A origem da atleta é relatada pela narração da mesma e do pai que empresaria a carreira da mesma junto à mãe que cuida da dieta e da rotina da atleta. Enquanto a atleta vai para a Hungria competir, Juliana vai para o Rio de Janeiro competir na categoria amadores e consegue terminar a prova, já Ana consegue 4º lugar na competição.

A apresentação de Jady inicia por meio de fotos antigas com 12 anos de idade, que antecedem o acidente na qual a atleta acabou ficando paraplégica, como conta a narração de Juliana Sana. O sustento da família parte da empresa de camas que a mãe da atleta tem. Para este episódio, Juliana também anda de cadeira de rodas, pois tem o objetivo de tentar seguir o mais fiel possível a rotina da atleta.



Figura 46: Captura de tela com Jady e Juliana conversando.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5266342/>

Durante o episódio, a jornalista é levada pela atleta em uma loja de suplementos alimentares, mercado, academia, cozinhar sozinha e a treinar pelas ruas de Brasília. O desafio de Juliana é conseguir terminar uma corrida de 10km como se fosse uma paraatleta. Jady Malavazzi é a melhor do Brasil e a 3ª melhor do mundo e tem desafio de conseguir um bom tempo nesta mesma competição. Juliana cumpre o desafio e Jady consegue o desejado bom tempo de prova.

O episódio da ex-ginasta Laís Souza, inicia com a apresentação dela por meio da narração feita por ela mesma. Ela conta sua rotina antes do acidente e de seu presente,



pós-acidente. Posteriormente, Juliana em conversa desafia a atleta a fazer uma corrida de 5km juntas, com Laís sendo levada por ela em um triciclo adaptado doado por um empresário, que não quis se identificar. No decorrer do episódio demonstra-se as dificuldades diárias enfrentadas por uma ex-atleta paraplégica, sejam nas fisioterapias, emocionais ou financeiras.



Figura 47: Captura de tela do episódio com Juliana e Laís conversando.

Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5535619/>

Por conta das fisioterapias, a atleta mora na capital São Paulo com o irmão, enquanto o resto de sua família mora no interior. A ajuda financeira vem de uma faculdade privada e de dois ídolos de Laís. Os momentos ápicos estão na fala da atleta sobre seus sonhos de ser feliz e voltar a andar e também quando fala do acidente, quando o questiona. Laís dá palestras motivacionais contando sua história, como forma de ganhar dinheiro e manter sua visibilidade. Os treinos durante a semana, acontecem em uma pista de corrida num parque da cidade. O episódio termina com desafio cumprido, as duas completam uma prova de corrida de 5km, em 45 minutos.

O episódio dezoito começa mostrando as imagens do esporte em que Priscila Fantin é desafiada a praticar com Juliana Sana. A prova Bravos é a competição que terão que realizar, nela os atletas podem ter ajuda um do outro. O treinamento na modalidade de *Crossfit* e a categoria da prova que devem fazer é a elite, onde em 30 minutos de competição terão que enfrentar diversos obstáculos.



Figura 48: Captura de tela do episódio com Juliana e Priscila competindo a Bravos.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5916524/>

Durante o episódio, a atriz conta que passou por depressão aos 25 anos e que foi graças ao esporte que conseguiu se curar da doença. Atualmente, ela mora com seu único filho e pratica esportes diariamente. Após uma semana treinando, com Juliana dormindo em um hotel e Priscila em sua casa no RJ, elas cumprem o desafio com muitas dificuldades em terceira colocação.

Apresentada como atriz de sucesso, Nanda Costa, desafia Juliana Sana. De origem humilde, a “nativa” de Parati-RJ, criada pela mãe e avós e abandonada pelo pai, treina durante uma semana para fazer uma travessia de caiaque. Em sua história, a atriz conta que saiu aos 14 anos de casa em busca de seu sonho em ser atriz de novela, morando em pensionato, estudando, trabalhando e sonhando alto como seu avô sempre dizia. Os treinos acontecem abaixo de chuva, mas nenhuma das desafiadas desistem. Chega o dia do desafio e as duas com muita dificuldade, conseguem cumprir o desafio de fazer uma travessia em alto mar de uma praia para outra e fazer uma trilha até o topo de um morro muito alto.



Figura 49: Captura de tela do episódio com Juliana, Nanda, mãe e vó da atriz olhando para câmera.  
 Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5665629/>

A atriz Isis valverde é a próxima desafiada a treinar durante uma semana *stand up padle* e competir em Copacabana em uma competição amadora. Por conta do medo do mar aberto da atriz, as duas vão para uma locação em búzios treinar no mar mais calmo. Com muita dificuldade e medo, a atriz consegue cumprir o desafio ao lado de Juliana Sana.



Figura 50: Captura de tela do episódio com Juliana e Isis saindo do mar.  
 Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5836796/>

A próxima desafiada é Paolla Oliveira, a uma luta de Jiu-jitsu. As duas treinaram com duas treinadoras referentes no esporte, durante uma semana. A rotina da atriz em casa com seus gatos é mostrada, assim como seu foco na dieta. Com medo de uma machucar



a outra, chega o dia da luta e as duas competem, com Juliana levando a pior e perdendo para Paolla.



Figura 51: Captura de tela do episódio com Juliana e Paolla conversando na academia.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5754070/>

Com a narração dando ênfase no objetivo de expandir o esporte, inicia o episódio onde a prática de Yoga é realizada por Fernanda Lima. Com mediação de Daniela que é referência na área no Brasil, a atriz e Juliana vão para Índia praticar Yoga, que é considerada como uma filosofia de vida. O desafio de Fernanda é mostrar a série dois para a mestre de Ashtanga, o sistema mais complexo desta filosofia e Juliana conseguir fazer as aulas na série um. No fim da semana e com muita ousadia e concentração, Fernanda consegue cumprir seu desafio, de fazer na frente da mestre Saraswathi Jois a série dois e Juliana consegue fazer todas as aulas da série um sem ser expulsa.



Figura 52: Captura de tela do episódio com Juliana e Fernanda praticando Yoga.  
Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/5754070/>

O episódio seguinte, inicia com a narração de Juliana com a apresentação de Sheron Menezes, enfatizando ser gaúcha, assim com ela. O objetivo deste episódio está na união de duas vontades, o de Sheron em conhecer Fernando de Noronha e de Juliana em fazer uma travessia em alto mar. As duas estão grávidas, Sheron de 7 meses e Juliana de 6 meses, por isso elas ainda tem algumas restrições e precisam treinar muito, ainda mais que a atriz não sabe nadar direito e tem muito medo.



Figura 53: Captura de tela do episódio com Juliana e Sheron conversando.  
Fonte <https://globoplay.globo.com/v/6219248/>

Após muita ênfase nas dificuldades e medos de Sheron nos treinos e quase desistência, as duas vão para Noronha tentar cumprir o desafio. Durante este decorrer de episódio, a rotina corrida de trabalho Sheron é mostrada, seus treinos de natação, assim como sua história de vida e a construção da autoestima desde pequena pela família, em especial a mãe, para enfrentar os preconceitos por ser negra. Com duas semanas de treino e já em Noronha, as duas cumprem o desafio, mas um percurso com muita dificuldade para Sheron.

#### **4.1.2 Cultura vivida: análise por meio das estruturas de sentimento**

Sabe-se que todas as culturas sofrem constantes mudanças durante o tempo e é para entender estes aspectos que surge os Estudos Culturais e mais em específico, as

estruturas de sentimentos de Williams (1979). No Brasil não é diferente, ele sofre/sofreu mudanças, principalmente, durante estes últimos três anos em que a série foi exibida.

A partir destes diversos fatores culturais identificados, notou-se a existência de alguns elementos residuais, emergentes e dominantes presentes na série que permeiam a nossa cultura vivida. Fatores sociais, econômicos e político que afetam diretamente a cultura e também os modos como foram produzidos os episódios de *Mulheres Espetaculares*.

As modificações na sociedade transpassam de diversas formas o meio esportivo e refletem na mídia, como se viu. Esta série, pelo pouco espaço que possui na grade da TV Globo, não tem o objetivo de problematizar e trazer novas concepções acerca da representação da mulher na sociedade.

Se olhar a série em sua totalidade e a partir da cultura vivida, percebe-se como elemento emergencial o homem como coadjuvante e a mulher como protagonista, aspecto esse que contrapõem ao que ainda se vê no esporte, na mídia e na sociedade, em que o homem ainda serve como protagonista.

Independente da modalidade, viu-se também o esporte como algo positivo, como sinônimo de vida e corpo saudável, elemento residual, que foi construído desde o início das práticas esportivas, como vimos no capítulo anterior. Ainda, como dominante também a idealização predominante de que o esporte de ponta com algo muito difícil e que exige muita dedicação e esforço.

Como emergente são também as tentativas de mudança na perspectiva da mulher, por meio das escolhas contra-hegemônicas na série, seja por trazer esportes não populares e/ou por mulheres o praticando e sendo atletas protagonistas. A série apresenta pouquíssimos elementos residuais de masculinização da identidade da mulher, principalmente, no que se relaciona ao esporte, pois como já foi dito e ainda será retomado, o esporte é/foi visto como uma prática majoritariamente masculina.

Logo em 2014, ano de exibição da primeira temporada, o Brasil sediou a Copa do Mundo. Ano de luta contra a crise de imagem brasileira, em que brasileiros tentaram e provaram que, por mais que seja um o país em desenvolvimento e com muitos casos de corrupção e violência, existem muitas pessoas honestas e é/foi capaz de sediar um megaevento sem grandes tragédias.

Neste sentido, identificou-se aspectos muito residuais de uma concepção onde países que não são desenvolvidos, são subestimados, considerados como violentos, inseguros e incapazes de receber megaeventos. Também como emergente, a imagem do time brasileiro, antes era visto como herói, passa a ser visto como fracassado, após perder de 7 a 1 para Alemanha na Copa. Percebeu-se como dominante, o povo brasileiro considerado alegre, dançante e carismático, o que de certo modo desfoca a crise deste ano e retrata o brasileiro de modo caricato.

No primeiro episódio da série, encontrou-se aspectos dominantes relacionados com a mulher como fenômeno no esporte que pratica, tida como a “herói” da própria vida e exemplo a ser seguido. É residual na série, quando se utiliza de um passado de frustrações pessoais da esportista para vitimizá-la, ápice quando ela relata que ainda sofre por suas escolhas. Como emergente está o homem em segundo plano, ele é um coadjuvante e não mais o protagonista da série, o que quase não acontecia até então na mídia, principalmente se tratando de esporte.

No segundo episódio, a busca pelo elemento emergencial por meio da superação da excessiva masculinização do esporte, seguindo um dos propósitos iniciais da série. Excepcionalmente neste episódio, a atleta de ponta compete, por vontade própria, nas categorias feminina e masculina, elemento que neste momento é residual, pois historicamente, no surgimento das competições esportivas não haviam diferenciações de categorias entre feminino e masculino e as mulheres acabavam por competirem igualmente entre os homens, por mais que sejam motivos diferentes ainda pode-se dizer que é residual. Nos demais episódios, viu-se como dominante este aspecto, pois há categorização nas competições e nenhuma mulher compete em categoria diferente da feminina.

As mulheres são mostradas, a partir do terceiro episódio da primeira temporada com Terezinha Guilhermina, como uma força hegemônica, protagonista da sua história, enquanto os homens sempre aparecem em segundo plano, elemento que na série é emergente, como foi dito acima. Como residual, está o resgate do passado, quando a atleta fala “o estádio é o meu palco”, aqui remete-se as arenas, que como se fosse os palcos e as cavalhadas e touradas como espetáculos. Como dominante, o aspecto do esporte idealizado, salvador de pessoas, seja pelo viés financeiro ou social.

A segunda temporada de 2015, iniciou com a patinadora de dupla nacionalidade Isadora Williams. Ela fala muito pouco português e nunca veio ao Brasil. Neste quarto episódio, como residual está as relações de poder entre países desenvolvidos e emergentes ainda refletindo no esporte, aqui a atleta escolhida para representar o Brasil é também americana. Também como residual encontrou-se a idealização da atleta, como se ela fosse uma princesa e vivesse em um conto de fadas, sem deixar de mostrar claro, o príncipe que salva a mocinha que estava sem forças para dar continuidade no esporte. Como emergente vemos pelo aspecto da representatividade brasileira na patinação artística em competições oficiais. A predominância de língua e cultura americana, é elemento dominante que somente está presente neste episódio.

No quinto episódio, elencamos como emergente a prática do surfe de ondas gigantes por mulheres, Maya Gabeira é a única brasileira a praticar este esporte e já passou por diversos acidentes, como mostra a série. Como dominante, a independência da mulher, pois ela dá conta de sua vida sozinha, cumpre suas diversas atividades, seja no ambiente doméstico ou no trabalho. O que aconteceu no episódio anterior como residual, também acontece nesse, a idealização do conto de fadas para a vida real da atleta, como se ela fosse a princesa de uma história em que para ela tornar-se uma esportista ela precisa viver um romance.

Já no sexto episódio, como emergente, a mulher aparece praticando um esporte que, até então, era uma prática extremamente masculinizada. Como residual, o preconceito que existe neste esporte, em que foi até sentido pela apresentadora ao ter sua primeira experiência nessa modalidade esportiva. E como dominante a hegemonia masculina no esporte, bastante enfrentada por Bia Figueiredo, a única mulher brasileira que desta modalidade.

Vale resgatar que o ano de 2015 antecedeu as Olimpíadas no Brasil e acredita-se que por este motivo, os últimos episódios da segunda temporada foram dedicados aos esportes olímpicos, a natação e a luta olímpica. Neste mesmo ano, a discriminação racial atingiu não só nas “entre linhas” da sociedade, mas também no meio esportivo e artístico. As atrizes Sheron Menezes (que como vimos participou da última temporada da série), Taís Araújo, Cris Vianna e a apresentadora Maria Júlia Coutinho sofreram ataques racistas pelas redes sociais.

Os últimos dois episódios da segunda temporada e toda a terceira temporada, foram voltados para os Jogos Olímpicos e por isso, notou-se muitos aspectos equivalentes, o que permite realizar uma análise das estruturas de sentimento apenas, evitando o repetitivo e tendo como a ressalva do episódio de Laís Souza. Nestes episódios, como residual, a mulher sempre tendo que provar para todos que é capaz de ser uma campeã, uma atleta de ponta e, que o lugar de mulher é onde ela quiser e não só no ambiente doméstico. Como dominante a demonstração da dificuldade em praticar esportes como algo quase impossível. É compreendido como emergente, a prática feminina de esportes que eram considerados exclusivamente masculinas. Como residual, em todos esses episódios, o preconceito sentido pelas atletas de ponta, seja pelo tipo físico, idade, raça e gênero delas.

A quarta temporada foi dedicada às celebridades da TV Globo, o que assim como anteriormente, também permite realizar uma análise do todo. Nota-se como emergente a mudança de foco da série, que passou a desafiar esportivamente, atrizes globais e não mais atletas e ex-atletas de ponta. Neste sentido, se vê como residual a predominância de esportes e celebridades que estão em alta na mídia, fazendo com que o contra-hegemônico acabe perdendo força. Como dominante, ainda se vê na série a mulher como protagonista, junto à apresentadora Juliana Sana.

#### **4.2 Sentidos sobre o feminino na série Mulheres Espetaculares do programa Esporte Espetacular**

Neste subcapítulo, serão trazidos os sentidos encontrados na série em relação às representações das identidades femininas na série. As observações aqui contidas, se deram por meio das análises já realizadas, com base nas estruturas de sentimento junto à conjuntura das categorias da análise textual aplicada e do conceito de hegemonia de Williams (1979), que possibilitaram determinar os sentidos das mulheres em Mulheres Espetaculares.

Tratando-se de mulher, os principais sentidos que existem desde o início do surgimento do esporte e que ainda permanecem, são os preconceitos passados pelas atletas, apenas por serem mulheres. Independente da prática esportiva, o residual preconceito passa muitas vezes como algo naturalizado, como viu-se no contexto histórico

em que o esporte inicialmente era praticado somente pelos homens e, quando as mulheres iniciaram a competir, foram subestimadas.

Estes sentidos foram percebidos principalmente ao notar a conjuntura de esportes como o velcross, com Maiara Basso sendo a única mulher a competir em uma categoria até então somente masculina, com Bia Figueiredo no automobilismo, em que afirmou ter que esconder que era noiva de outro piloto por ser mulher, e até mesmo neste episódio quando Juliana Sana sofre xingamentos de um atleta, alegando que ela estava atrapalhando o treino, este na qual apenas Juliana era mulher.

Já no início da série percebeu-se que a masculinização da mulher de forma mais explícita não é mais notada, como foi quando a protagonista era a lutadora Bethe Correia, em que viu-se o apelo para a história de vida da atleta, recorrendo a um passado que fragiliza a mulher. Vê-se então, a partir do segundo episódio, poucos elementos de masculinização da mulher atleta. O que se vê em maior ênfase, são as lutas diárias das esportistas, em busca de serem as melhores em suas modalidades.

O surgimento do esporte na Grécia advém de práticas religiosas, sentidos presentes também na série através dos episódios de Yane Marques com o catolicismo e Fernanda Lima com o hinduísmo. As crenças e rituais religiosos estão ligados ao esporte na medida em que corroboram, segundo a série, para um melhor rendimento físico e psicológico da atleta ou celebridade.

Através do objetivo específico de identificar que representações das identidades femininas são contempladas e que as tornam mulheres espetaculares, foi definido alguns elementos, no qual todas partilham. Estes elementos foram estabelecidos através das análises realizadas que as caracterizam como: independente, determinada e humana. Todos estes elementos são características culturalmente comuns, mas aqui na série ganham maior valorização, visto que são elementos que muitas vezes são silenciados na mídia e sociedade por questões complexas criadas na cultura através do patriarcalismo, que gerou conflitos de gênero como o machismo e o preconceito em relação às mulheres.

Estes aspectos falados anteriormente, estão presentes de alguma forma nas representações das identidades das mulheres, nos episódios da série Mulheres Espetaculares. A Mulher Espetacular, sendo celebridade ou atleta, tem diversas experiências em práticas esportivas, por via de regra, tem sonhos/metaspportivas para realizar, como uma medalha olímpica ou um recorde mundial e, para conseguir alcançá-los

ela enfrenta muitos obstáculos, como o preconceito, machismo e pressões físicas e psicologias de todos que a rodeiam e da própria mídia.

Esta mulher, além de ser determinada em conquistar seus objetivos, independente dos obstáculos que existam, também é humana e tem momentos de fraquezas. Ela não é frágil no sentido do estereótipo que foi criado para desqualificar a mulher perante o homem e sociedade na esfera esportiva e social, mas sim uma fragilidade natural de qualquer ser humano.

A independência vem como primordial elemento, pois aparece em quase toda a série e vai na contramão das concepções conservadoras masculinas, em que a mulher depende do homem para tomar qualquer atitude. Um exemplo bastante enfático quando narrado a história de Bethe Correia que deixa sua família, pais, irmãos e marido para virar uma lutadora de MMA, uma atleta de ponta, uma pessoa feliz e profissional completa.

Aqui associa-se a uma mulher que não depende deste homem para ser feliz, ela escolhe ser feliz independente dele. Por mais que Aline Silva treine com seu marido, ela não depende dele para ser atleta, ela mesma ressalta que pode ter outro treinador, mas que escolheu ele por questões técnicas. Já o episódio de Isadora Williams, é a exceção, pois para estar bem profissionalmente, ela precisa também estar bem com seu namorado. Maya Gabeira também se torna uma exceção, pois conta-se que ela se tornou uma atleta após uma decepção amorosa.

A série está carregada de sentidos que colaboram para uma melhor relação entre homem e mulher no esporte, na medida em que tenta silenciar o machismo e, de certa forma, provar que a mulher, independente de sua profissão e forma física, é capaz de alcançar seus objetivos esportivos, como todo e qualquer ser humano é capaz. Portanto, a mídia esportiva possui em abundância sentidos que são responsáveis por colaborar na modificação e atualização cultural.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concretude dos meios de comunicação, em especial, a mídia televisiva e a série *Mulheres Espetaculares* são elementos essenciais que junto à teoria dos Estudos Culturais tornaram possível a edificação deste trabalho. Com o referencial teórico escolhido, foi desenvolvido uma apropriação metodológica que complementa a análise desejada para se chegar aos resultados esperados.

Todos os elementos que compõe a análise do estudo, estão presentes em um emaranhado de elementos que formam o discurso da série. A linguagens verbais e não verbais apresentadas na série possuem significados carregados de ideologias, ideias, pensamentos arraigados em posições, seja de cunho hegemônico ou contra-hegemônico.

A série não é vista com a grandeza de uma contra-hegemônica, pois ela ainda possui um pequeníssimo espaço dentro da grade do esporte espetacular e da TV Globo, por mais que ela seja exibida nos últimos horários da grade, em que há maior audiência.

Felizmente, ao mesmo tempo que ela não colabora o suficiente para modificar ou atualizar a identidade hegemônica da mulher na cultura brasileira, percebe-se que programas como este, com caráter contra-hegemônico, começa a ganhar cada vez mais espaços na mídia, principalmente na televisiva.

Outro ponto positivo e contra-hegemônico percebido e já destacado, é a presença de outros esportes não populares na mídia, como o pentatlo moderno, luta olímpica, patinação e a maratona aquática, pois sabe-se que o futebol é o esporte hegemônico no Brasil e movimenta milhões de reais por ano na indústria de bens simbólicos. Além de destacar outros esportes não populares, *Mulheres Espetaculares*, contempla apenas o gênero feminino como protagonistas, o que raramente acontece na mídia, em que praticamente se vê somente homens no esporte, um diferencial contra-hegemônico que corrobora com o que acontece fora das telinhas.

A mulher independente, capaz de superar todos os obstáculos, em busca dos seus objetivos, está hegemonicamente presente em toda a série. Por mais que se tenha certa tentativa de vitimização, as mulheres ultrapassam esta caracterização e demonstram que estão decididas e lutam por seus objetivos sem depender de ninguém.

Como resultado do objetivo específico de identificar o porquê da escolha destas *Mulheres Espetaculares*, percebeu-se que para se tornarem *Mulheres Espetaculares*, elas deveriam obedecer alguns critérios. Elementos estes, que a identidade feminina

representada deveria ter: humana, independente e determinada. Qualidades que todas as mulheres possuem, mas que em função de práticas culturais machistas e preconceituosas, muitas acabam por silenciar o quão “Espetaculares” são.

Permeada pelos objetivos específicos de identificar, quais são as identidades femininas apresentadas e silenciadas na série, percebeu-se que as identidades femininas representadas na série estão interligadas à algum tipo de prática física e gosto por desafios, além dos elementos já citados acima. Resumidamente, viu-se representações de identidades femininas distintas, com diferentes concepções de vida, idades, etnias, classes sociais, raça, formas físicas, culturas e religiões.

Por mais que se tenha visto diversas representações, notou-se o silenciamento de outras identidades femininas, principalmente, identidades ligadas aos papéis sociais, como mães, irmãs, avós, fisioterapeutas e, até mesmo, professoras e treinadoras. Estas mulheres, na maioria das vezes, aparecem nas cenas, mas não ganham voz, ou quando ganham, quase não falam.

Com estes aspectos positivos destacados, pode-se notar que a série é um tanto quanto audaciosa ao trazer forças contra-hegemônicas, pois, grosso modo, colabora para garantir os ideais, interesses e lutas contra as diferenças de gênero na sociedade. Em seu formato, a série não busca problematizar diretamente as representações das identidades femininas brasileira, mas por trabalhar somente com o protagonismo feminino e no esporte, acaba por gerar influências sobre a sociedade. Assuntos como esporte feminino ainda é pouco abordado na mídia, o que torna Mulheres Espetaculares ainda mais importante, visto que é exibida dentro da grade de um programa televisivo, em um canal aberto.

Pelo pouco espaço dado a este tipo de programa contra-hegemônico na mídia, uma grande parcela da população brasileira não se sente representada. Assim, nota-se que a indústria midiática, não só deve buscar constantemente atualização quanto às demandas advindas das novas tecnologias e da sociedade, como também devem estar atentas as apropriações culturais que são feitas com os novos meios de comunicação.

Com este estudo percebe-se que é também por meio do esporte que a mulher conquista certa força emancipatória. A mídia, carregada de poder de influência sobre nossa sociedade, deve dar mais espaços as representações femininas em programas de cunho esportivo com base nas culturas que a permeiam mesmo sendo nas entre linhas. Ela, enquanto formadora de opinião, deve colaborar para o incentivo à práticas físicas femininas,

independente do esporte. E, felizmente, esta série continuará em exibição também em canal fechado, no GNT, conforme a apresentadora Juliana Sana<sup>11</sup>.

Portanto, o esporte também deve ser visto como uma ferramenta que transforma as concepções acerca das representações de gênero, como um importante instrumento social de reflexão e humanização. E com isso, se faz necessário mais pesquisas sobre gênero na interfase midiática, com ênfase nas práticas esportivas.

---

<sup>11</sup> Informações recebidas de Juliana Sana, via e-mail.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BRAIDOTTI, Rosi. **Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómada**. Barcelona: Gedisa, 2004

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

CASSETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, Edusc, 2002.

DaMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMATTA (Org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Reflexões sobre o uso da linguagem e da imagem na pesquisa histórica do esporte: a trajetória de Blanche Pironnet na história das mulheres no esporte no Brasil**. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 675-688, jun. 2017. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/71184>>. Acesso em: 03 janeiro. 2018.

\_\_\_\_\_. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

\_\_\_\_\_. **Contribuição do olhar feminista.** Intertexto, v1. Porto Alegre: UFRGS. 1998.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e Esporte No Brasil:** Entre Incentivos e Interdições Elas Fazem História. Pensar a prática V.8 n.1, 2006.

\_\_\_\_\_. Mulheres Olímpicas: a vez e a voz das mulheres. In: RUBIO, Katia. **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, 22 (2), jul./dez. Porto Alegre, 1997. 135.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. Estudos Culturais e seu Legado Teórico. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv. **Da diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. **A gauchidade midiática no RS:** apontamentos sobre a cultura regional na mídia. Comunicação Midiática, São Paulo, v. 7, n.1, jan/abr 2012.

Disponível

em:<<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/161/101>> Acesso em 15 de março de 2017.

MELO, Victor de Andrade. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary Del, Melo,

Victor de Andrade (orgs.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A visibilidade negra na coluna social do jornal Apavra. **Eptic Online**, v. 25, n. 3, p. 101-116, set.- dez.2013.

\_\_\_\_\_. Estudos culturais aplicados a pesquisas em telejornalismo: paradigmas investigativo e metodológico no Jornal do Almoço. In: GOMES, Itania Maria Mota [org.]. **Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MORAES, Ana Luiza Coiro. LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; LISBOA, Maria da Graça Portela. **Os estudos culturais e a pesquisa em televisão: uma análise da representação e identidade no Galpão Crioulo**. Anais. Alaic: Peru, 2014.

RUBIO, Katia. **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

SANFELICE, G. R. . **Daiane dos Santos nos Jogos Olímpicos de Atenas 2004: uma construção midiática**. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009, Salvador. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009. v. 1.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil . **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48 , mar. 2007. ISSN 1981-4690. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>>. Acesso em 02 de janeiro de 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **La larga revolución**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.